

Silvânia Aparecida de Freitas Souza

**Corpo e
Imaginário Social:
o discurso de jovens**

**Belo Horizonte
Faculdade de Educação da UFMG
2003**

Silvânia Aparecida de Freitas Souza

Corpo e Imaginário Social: O Discurso de Jovens

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Profa. Eustáquia Salvadora de Sousa

Co-orientador: Prof. Gildo Scalco

Belo Horizonte
Faculdade de Educação da UFMG
2003

Souza, Silvânia Aparecida de Freitas.

S729c Corpo e imaginário social : o discurso de jovens / Silvânia
Aparecida de Freitas Souza. –
Belo Horizonte : UFMG / FaE, 2003
107 p. + Anexos.

Dissertação – Mestrado em Educação.
Orientador.: Profª. Dra. Eustáquia Salvadora de Sousa
Co-orientador: Prof. Dr. Gildo Scalco

1. Corpo humano -- Aspectos sociais. 2 Juventude. II. Título. II.
Sousa, Eustáquia Salvadora de . III. Scalco, Gildo. IV.
Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Educação.

PPGE / FAE / UFMG

Dissertação: **“Corpo e Imaginário Social: O Discurso de Jovens”**

Elaborada por: **Silvânia Aparecida de Freitas Souza**

Em: **setembro de 2003**

Banca Examinadora

Dra. Eustáquia Salvadora de Sousa (Orientadora)

Dr. Gildo Scalco (co-orientador)

Dra. Andréa Moreno
Universidade Federal de Viçosa

Dr. Tarcísio Mauro Vago
Programa de Pós-Graduação da FAE/UFMG

Dr. Bernardo Jefferson (suplente)
Programa de pós-Graduação da FAE/UFMG

A todos os professores de Educação Física que, como eu, “sabem a dor e a delícia de ser o que é”. Em especial, a José Raimundo, meu amigo querido, e a todos os colegas da “Estrada de Ouro Branco”

Agradecimentos

Esta etapa não começou com a entrada no Mestrado: vem de muito tempo. Esqueci-me dos momentos difíceis e agora só me lembro de “belos dias”. Por isso tenho tanto a agradecer.

Agradeço a Deus, que com Sua infinita misericórdia, Se renova em mim a cada manhã, movendo-me e fazendo-me renascer a cada obstáculo e a cada vitória.

A minha mãe, D. Tereza, que me ensinou sobre Deus, a vida, o amor. Obrigada, mãe, por todas as palavras de incentivo, por não me deixar desistir, por acreditar tanto em mim. A meu pai, José Benedito, por ter sido tão grande e, dentre tantas coisas, ter deixado o doce sabor de sua lembrança.

Agradeço a Maria Sofia, benção de Deus, minha vida, minha filha. A cada sorriso, a cada beijinho, a cada mamãe, a cada mamada...Você é tudo para mim, você me faz melhor. Desculpe o tempo roubado pelo “putador”. Eu te amo, filhinha!

Ao Rômulo, meu marido. Desculpe a ausência e agradeço a compreensão. Obrigada por existir e pelo seu apoio incondicional. Sem você eu não

teria conseguido continuar e terminar. São tantas horas, tantos meses, tantos anos e eu ainda me emociono... Eu te amo!

A Eustáquia e Gildo, meus orientadores. Obrigada pela compreensão, pelo carinho, pela doçura com que sempre me trataram. Acima de tudo, obrigada pela orientação e pelos momentos de aprendizagem. Obrigada por respeitarem meu momento e fazerem com que eu saísse da concha.

À querida Flaviana. Você já faz parte de minha (nossa) vida. Amo o seu amor por Maria Sofia e o dela por você. Sem você, eu não teria conseguido terminar. Obrigada por ser uma bênção!

Aos meus amados irmãos, que são parte importante desta história e tornam minha vida mais feliz. Ao João, por ser minha referência e melhor amigo; a Silvinha, minha alma gêmea e melhor amiga, obrigada por tanto amor e dedicação. A Rosany, José Marcos, a Rosely, Isidoro, Luiz e Leleco obrigada pelo apoio incondicional, carinho e amizade que nos une; Ao José Geraldo, meu cunhado, obrigada pela amizade e apoio constantes. Ao Lucas e Mira, queridos irmãos, obrigada por sua doçura. Lembrança eterna, saudades!

Aos meus queridos sobrinhos de Ouro Preto: Xayane, Gabriela, Flávio, Luana, Flávia, Alexandra e Ariane, obrigada por me ensinarem tanto. Foi com vocês que aprendi a manifestar o amor. Morro de saudades.

Aos meus sobrinhos de Coronel Fabriciano: Rafael, Débora, Rodolfo, Fernanda, Lucas, Isabela, Priscila e Sherrine, obrigada pela relação fraterna e carinhosa. Conviver com vocês torna a vida melhor.

Ao vovô Juquinha e à vovó Odete, pela oportunidade de amá-los e de poder conviver com vocês. Obrigada a Naná, minha sogra, uma mãe, uma amiga, uma referência. Obrigada a Celinha, Rosângela, Regina, Maurício, Reinaldo, Ivete, Eduardo e Toninho. A amizade e o carinho de vocês são fundamentais na minha vida e suavizaram estes tempos difíceis. Ao José, Geraldo, Santinha, Zilda, Édson, Dani, Alessandra, Guilherme e Luciana, obrigada pela convivência fraterna.

Aos amigos que foram fundamentais nessa história: Porfírio, Eduardo, Eveline e Gegê. Jamais conseguirei retribuir tanta atenção, amizade, carinho e solidariedade. A Joana, Karla, Bosco e Rita, obrigada pela amizade. À Sílvia e Marina pelo apoio constante e por escutarem, solidária e pacientemente, minhas questões desde o princípio. As colegas de Mestrado, Valéria, Soraia e Simone, que tornaram esta etapa mais suave. Aos demais colegas da Área de Educação Física do CEFET Ouro Preto, Genilton, Camilo, Terezinha, Leandro e José Luiz: a convivência com vocês ajudou-me a crescer, pessoal e profissionalmente. Desculpe a ausência e obrigada pelo apoio. Ao Eduardo e Rita, obrigada pela revisão criteriosa.

Agradeço de coração à Gláucia e Rose, da Secretaria de Pós-Graduação da FAE/UFMG: a suavidade e atenção de vocês amenizam estes tempos difíceis de mestrado.

Agradeço a Claudinéia, por ser sempre solidária e fraterna. Ao Nadinho, Egnaldo, Mario, Gerson, Lídia e Dênia que mesmo em momentos de correria, me recebem com um belo sorriso no rosto, dispostos a me ajudar. Obrigada pelo apoio.

Agradeço à Andréa Moreno, Tarcísio Mauro Vago e Bernardo Jefferson, por aceitarem ler este trabalho. Agradeço, antecipadamente, as grandes contribuições que, com toda certeza, virão de vocês.

Finalmente, e de maneira especial, agradeço aos jovens, atores sociais desta pesquisa, pelo desprendimento, interesse e atenção com que participaram, enriqueceram e construíram minha (nossa) pesquisa. Agradeço a todos os alunos com os quais já convivi e sofri as questões do corpo. A convivência com o aluno move o professor: vocês deram prova disto mais uma vez. Obrigada a todos os *Rafas, Iás, Sitties, Joões, Josés, Claras, Churrascos, Marcos, Rafeais e Cecílias*.

SOUZA, Silvânia Aparecida de Freitas. *Corpo e Imaginário Social: o Discurso de Jovens*. 2003, 108 f. (Dissertação, Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2003.

Resumo

O objetivo desse estudo foi explicitar os sentidos de corpo, presentes no imaginário social de jovens, com idade entre 15 e 20 anos. A partir do imperativo social, relativo ao corpo, que marca fortemente o “culto ao corpo moderno”, foi tomado por

hipótese que os jovens percebiam o corpo sob a ótica do saudável e bonito. Além disso, pensava-se que eles desconsideravam as diferentes formas de manifestações corporais, bem como achavam naturais e fáceis as inúmeras intervenções no corpo, possíveis nos dias atuais. Para tanto, utilizei o questionário, entrevista semi-estruturada e associação livre, como caminhos que possibilitaram a irrupção do imaginário dos atores sociais em foco. A leitura desses caminhos foi pela Análise de Discurso, e as questões que suscitaram a investigação, foram abordadas segundo os referenciais teóricos do imaginário social e do corpo. Analisando os discursos que emergiram em cada um desses caminhos, verifiquei a dominância dos sentidos “bonito e feio” como formas de visualizar o corpo. Como desdobramentos, encontrei o desejo pelo corpo sarado e a aversão à gordura corporal; a hierarquização do rosto e da mente, em relação ao corpo; o desejo de se livrarem da ditadura do corpo em voga.

SOUZA, Silvânia Aparecida de Freitas. *Corpo e Imaginário Social: o Discurso de Jovens*. 2003, 108 f. (Dissertation, Master Degree in Education). College Education, State University of Minas Gerais, Belo Horizonte, 2003.

Summary

The objective of this study was to clearly and fully define the senses of the body present in the social imagination of youngsters, with age ranging from 15 to 20 years. From the social must related to the body, which strongly puts in evidence the “modern body cult”, it was taken as a hypothesis that young people perceived their bodies through the lenses of what is healthy and beautiful. In addition to that, it was thought that they disregarded the different forms of body expression, as well as deeming interventions to the body, possible nowadays, natural and easy. For such, I resorted to interrogation and semi-structured and freely associated interview as ways of making irruption of the imaginary realms possible for the social actors in the spotlight. The reading of these paths took place by means of Analysis of Speech and the questions that gave origin to investigation were approached following the theoretical referential of social imagination and that one of the body. Looking into the speeches arising out of each one of these paths, I verified, broadly speaking, the dominance of the senses “beautiful and ugly” as ways of visualizing the body. As unfolding outcomes, I found the desire for a well physically shaped body and the dislike to body fat; the hierarchization of face and mind in respect to the mind; the desire to drop the dictatorship on the body currently in fashion.

Sumário

1- Apresentação.....	01
2- Da consciência corporal ao corpo como desafio de estudo.....	03
3- Olhares Teóricos.....	22
3.1- O corpo.....	22
3.2- O imaginário social.....	31
4- Caminhos Metodológicos.....	40

4.1- Estratégias, informantes e pistas: o amálgama da (re) construção da rede de sentidos.....	43
2 O método de análise e a constituição do corpus analítico.....	54
5- Dando Voz aos Atores Sociais: Reconstituindo o Mosaico.....	62
5.1- Sentido de Corpo (des) Valorizado.....	65
5.1.1-Bonito é ser sarado – o corpo valorizado.....	65
5.1.2-Os gordos que perdoem, mas ser sarado é fundamental – o corpo desvalorizado.....	73
5.2- Sentido de Corpo Negado.....	83
5.2.1 Mente, rosto, depois o corpo – O corpo secundarizado.....	83
5.3-Sentido de corpo libertário.....	90
5.3.1-O Desejo de Ser Zaratustra – O Corpo Libertário.....	90
6- Conclusões e Considerações Limiares.....	96
Referências.....	104
anexo.....	10

8

1- Apresentação

Este estudo entra no universo simbólico dos jovens, no que diz respeito ao seu “ser corpo”, através da explicitação dos sentidos de corpo que circulam no imaginário desses atores sociais. Tendo em vista o imperativo de corpo que se faz presente em nossa sociedade atual, o problema de pesquisa é construído a partir de minhas inquietações, como educadora e pesquisadora, da imersão na literatura e é efetivamente fundamentado pela percepção de que os jovens, além de um alvo importante, são protagonistas da sociedade do culto ao corpo. Essas considerações embasam a primeira discussão, “Da Consciência Corporal ao Corpo como Desafio de Estudo”, em que funcionam como molas propulsoras para a constituição da hipótese, do objetivo e do objeto de estudo, sem perder de vista reflexões fundamentais acerca da juventude como categoria histórica.

No segundo momento, “Olhares Teóricos”, encarrego-me da construção dos caminhos teóricos que nortearam esta pesquisa. Meu primeiro passeio é pelo corpo, como construção cultural, tendo em vista a forma como ele é cultuado nos dias atuais, destacando-se a necessidade de que ele seja percebido como a única forma de se viver humanamente. O segundo passeio destaca a matriz teórica fundada no imaginário social, como possibilidade de viajar pelo universo simbólico do corpo, através da explicitação dos seus sentidos para jovens. Dentre outros, os trabalhos de Denise Bernuzzi de Sant’Anna (1999, 2000, 2001, 2002), no que diz respeito ao corpo, e de Marisa Faermann Eizirick e Nilda Teves Ferreira (1994), no que concerne ao imaginário, tornaram meu trabalho menos difícil e mais prazeroso.

Na terceira parte, “Caminhos Metodológicos”, impregnei-me de olhares teóricos relativos ao corpo e ao imaginário social e construí um referencial metodológico que, para explicitar os sentidos de corpo, precisou decifrar o óbvio, o aparente, o oculto, o que pôde ser dito, o que não foi dito e o silêncio das falas dos jovens. As vias de construção destes caminhos foram o questionário, entrevista e associação livre de idéias. Esse meu passeio pela linguagem foi possível pela Análise do Discurso, na perspectiva de Eni Puccinelli Orlandi (1992, 1994, 2000, 2001, 2001 a, 2002, 2002 a).

Na quarta parte, “Dando voz aos atores sociais: reconstituindo o mosaico”, através dos enfoques “Sentido de corpo (des) valorizado, Sentido de corpo negado e Sentido de corpo libertário”, apresento o que visualizei frente a tantos olhares e caminhos.

Na última parte, “Conclusões e Recomendações Limiars”, apresento as conclusões e convido cada educador a repensar seu “ser corpo”, a partir das novas verdades que se colocaram nesta pesquisa e, partindo daí, contribuir com um contra discurso que leve em consideração a singularidade de cada sujeito.

2- Da Consciência Corporal ao Corpo como Desafio de Estudo

Eu sou corporificado; portanto,
experieço que sou

Eis me aqui! Assim iniciei meu caminho rumo ao Curso de Mestrado. E assim quero iniciar a minha Dissertação. Com esta expressão, tento demonstrar o quanto estou aqui e o quanto é importante estar aqui. Cônsbia desta certeza, percebi que meu problema de pesquisa partiu das minhas inquietações, mas que não se ateve a elas. Propus-me a superar estas inquietações ou transformá-las em outras, que poderiam se tornar outras, em um processo dinâmico e ímpar. E assim, continuei minhas reflexões, com a clareza de que esse era um caminho, mas não o único. Determinada a não me deixar iludir pelas aparências, tampouco me tornar refratária aos dados.

A minha memória localiza fatos que podem ter-me influenciado a querer pesquisar sobre o corpo, objeto de estudo desta Dissertação. Ela me leva para as minhas experiências corporais dentro das diferentes escolas onde estudei. Essa talvez seja a grande influência para que eu chegasse ao Curso de Mestrado com vontade/necessidade de investigar questões relacionadas ao corpo.

Minhas memórias escolares passam todas pela escola pública, aquelas típicas de bairros operários de cidades do interior, nos anos de 1970 e 1980: com

filas de entrada e saída, oração na entrada, carteiras ajustadas com pouco espaço para correr e brincar...enfim alunos ajustados e comportados em seus corpos.

De 1ª a 4ª séries, até as aulas de Educação Física eram em fila e, de preferência, assentados.

Da 5ª série em diante, estudei em escolas onde a prática esportiva era muito estimulada. Foi nesse contexto que comecei a me identificar com a Educação Física, que era prioritariamente esportiva. Tornei-me “atleta”! Meu corpo começava a interessar aos professores: era alta e magra. Vai dar uma grande jogadora de basquete – dizia a professora. E assim foi. Vivi anos jogando e treinando, jogando e treinando.

Durante o Curso de Graduação em Educação Física,

percebi-me sem norte, sem referência. Por que fazer Educação Física? Não me sentia bem em meio àquelas pessoas preocupadas com o tamanho do bíceps do outro ou como conseguir um bíceps mais forte, por exemplo. Esse era um pensamento quase hegemônico no Departamento de Educação Física da universidade onde estudei. Digo isso respeitosamente e reconhecendo a importância dos estudos com enfoque no treinamento e na fisiologia do exercício, voltados para o esporte de alto rendimento. Todavia essa era uma interface da Educação Física que não me estimulava.

A divisão de corpos em minha turma era gritante. Um estigma que todos carregavam, dependendo da situação. Assim como, nos dias atuais, condenamos ou absolvemos um corpo pela quantidade de massa muscular e gordura que ele tem, naquela época, a turma “esportivizada” se constrangia nas aulas de dança e todas as atividades que exigiam um “refinamento de gestos”. E ia à forra nas aulas de esportes. O contrário também acontecia com a “turma das sapatilhas”. Éramos reconhecidamente divididos como corpos: os corpos “basquetizados” (o meu, por exemplo), “futebolizados”, “voleibolizados”, “randebolizados” de um lado, e os corpos “baletizados”, “aerobizados” do outro. O que dizer então daqueles que não se identificavam com nenhum dos grupos majoritários? Pobres deles! Tornavam-se “visíveis pela negatividade”, “desobedecendo às exigências” de ser aluno de um curso de Educação Física: eram questionados e desmerecidos em sua condição. Passei a entender melhor a todos os “incompreendidos e desajustados corporais” que já conheci, depois da leitura de Roseli Cação Fontana (2001). Eu, que tive meu corpo avaliado dentro das exigências, reconheço em “O Corpo Aprendiz” um retrato que expõe as limitações de minha formação docente, no que diz respeito ao corpo e todas as suas possibilidades.

Nesse cenário, tomei consciência do nível de minhas inquietações. O que me incomodava passava pela questão do corpo. Como pensar somente em alguns corpos diante da diversidade real? Como me tornar professora e como pensar em trabalhar com o corpo do outro, se desconhecía e tinha resistência ao meu “ser corpo”?

Quando comecei a ensinar Educação Física, percebi que muitas das angústias que eu vivi com meu próprio corpo estavam nos discursos dos meus jovens alunos e tatuados em seus corpos, ou seja, marcado, impresso, o que distingue e determina a conduta, a permanência ou não no grupo de iguais, a participação ou não de determinadas práticas sociais, a inclusão ou a exclusão das aulas de Educação Física. Com a clareza de que muito das experiências que eu vivenciava com meus alunos passava pelo corpo, comecei refletindo sobre algumas questões: qual seria a visão de corpo daqueles jovens alunos? Será que eles tinham consciência dos usos e (des) usos do corpo nos dias atuais? Concluí que minhas indagações e inquietações passavam por uma questão fundamental: quais os sentidos de corpo para esses jovens?

Foi pensando, refletindo, questionando, pesquisando essas questões que me aproximei do imaginário social. Um campo de pesquisa estranho à minha formação, mas surpreendentemente sedutor. Ao ler a pesquisa realizada por Eveline Torres Pereira (1999), que objetivou buscar no imaginário de um grupo de idosos praticantes de atividade física o significado de ser velho, percebi que ali havia referências que poderiam contribuir na compreensão das minhas questões. Tomei consciência do meu grande desafio. Uma reflexão que passasse pelo simbólico e considerasse o discurso e a rede de sentidos que permeiam as relações do sujeito consigo mesmo, com o outro e com o meio.

Nesse diálogo comigo mesma e, sobretudo, com a literatura, percebi que, apesar de não ser mais um corpo “basquetizado”, pois há muito rompi com essa

lógica do esporte, em minha vida pessoal e em minha prática pedagógica, sofro influências como todos os corpos. Ter clareza disso suaviza o olhar no campo de pesquisa, diminui a frustração e acalenta a esperança de contribuir para um repensar o corpo.

A minha tentativa de contribuir para repensar o corpo passou pelo tornar claro o que está implícito, oculto. Desocultar possibilitou um pensar sobre corpo mais condizente com a realidade em que vivem pessoas concretas e não idealizadas, apontou para a busca de um novo sentido para corpo que não passe pela sua estigmatização ou instrumentalização, ou, como bem disse Denise Bernuzzi de Sant'Anna (1999), “que não passe por seu culto ou por seu definhamento” (p.61).

Mas de que corpo falo? Que corpo é esse ao qual tentamos ensinar tantas competências, habilidades e gestos? Conscientizo-me de quantas vezes deixei de escutar meu próprio corpo e o corpo de meus alunos; do quanto me foi negado, em minha trajetória como aluna, inclusive como acadêmica de Educação Física, de conhecimento sobre meu corpo, seus desejos, limites e necessidades; do quanto foi difícil perceber o corpo como um construto social, produto e produtor de cultura. A educação em geral e a educação física em particular podem seguir pensando essas questões.

O corpo idealizado nos dias atuais é sinônimo de ser saudável, belo e atlético, como se essa fosse a única possibilidade de ser corpo. Isso sem falar na questão de que esse corpo saudável, belo e atlético é visto ainda como jovem,

magro, da raça branca, feliz. Essa realidade materializa a voga corporal em curso e se afirma nas palavras de Regina Simões (1995), para quem estamos vivendo a “onda do corpo”, traduzida pelos grandes investimentos em torno do aspecto corporal. Essa “onda” marca uma tendência do mundo moderno, que se preocupa substancialmente com o corpo.

Ao partir desse pressuposto, não tenho a pretensão de generalizar o mundo e sua concepção de corpo. É importante ressaltar que existem particularidades culturais que reforçam ou não esse ponto de vista. Essa premissa se refere, particularmente, ao mundo ocidental.

Coaduno e angustio-me com Karenine Porpino (1997) quando diz que, apesar de o corpo ter-se tornado objeto de preocupações e pesquisas, o fato é que, muitas vezes, essa "onda", essa preocupação, não proporciona resultados que coloquem o homem em condições humanas e dignas de existência, uma vez que o corpo é explorado economicamente e utilizado para vender e consumir produtos. A lógica do mercado desconsidera o caráter original do homem, sobretudo porque promove e dissemina a idéia de que a construção do corpo padrão está ao alcance de todos e é tarefa fácil.

Nos últimos anos, as pesquisas educacionais têm se voltado para a temática do corpo, ainda que isso não ocorra dentro do ideal. Na bibliografia consultada, foram encontradas pesquisas sobre o corpo, que vão além da perspectiva biofísica. Sem querer com essas palavras dizer que estudos nessa dimensão não sejam necessários.

Esse movimento - mudança no sentido de perceber o corpo - pode ser visualizado em dissertações e teses defendidas nas áreas de educação, filosofia, sociologia e psicologia e na área educação física, na maioria dos casos, e ainda em trabalhos e discussões apresentadas no CONBRACE (Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte), bem como em artigos de periódicos.

Ainda que esse fato seja significativo, Carmem Lúcia Soares (1999) alerta que:

o corpo como primeiro plano da visibilidade humana, como lugar privilegiado das marcas da cultura, ou o corpo como o lugar onde a mão adulta marca a criança, como espaço de imposição de limites psicológicos e sociais, conforme assinala George Vigarello, em um dos mais instigantes trabalhos sobre a história do corpo, tem sido pouco considerado no campo da educação e, mais especificamente, no campo da educação física (p. 5).

Em espaços legitimados de pesquisa, percebo o corpo como temática central, enquanto que na educação, constato que o vocabulário do universo do corpo se materializa em discussões isoladas ou ainda em concepções calcadas na dualidade. A mesma autora reforça:

A temática do corpo, largamente tratada pela filosofia e pelas ciências humanas, tem sido pouco considerada no âmbito da educação. Os currículos dos cursos de pedagogia, por exemplo, são reveladores da quase total ausência do tratamento do corpo, quer seja nas formas de disciplinas/atividades, quer seja sobre o conhecimento entendido como necessário à formação do professor. Quando há referências ao corpo, via de regra, estas aparecem com caráter instrumental, em torno de atividades que devem ser ministradas para “descarregar energias reprimidas” ou melhorar/aprimorar habilidades cognitivas (SOARES, 1999, p. 5).

Para ser tratado de maneira ampla pela filosofia e ciências sociais e visto como elemento central da cultura, o corpo invocou a filosofia, a sócio-anthropologia,

a teologia, a pedagogia, e as interfaces entre a medicina e filosofia, história e antropologia, filosofia e antropologia. Tudo isso, diz Rui Proença Garcia (1997), *para ser cabalmente percebido*.

A percepção de corpo nos dias atuais remete, muitas vezes, a um ideário que passa pela dificuldade de “ser corpo”. Apesar do enfoque do presente trabalho ser o jovem, penso que essa dificuldade em lidar com corpo atinge a maioria das pessoas. É comum se encontrarem, no cotidiano, pessoas insatisfeitas, mesmo quando seus corpos atendem, de alguma forma, aos “padrões”. Vive-se um culto exacerbado ao corpo que, em alguns casos, leva a atitudes, consideradas até mesmo irresponsáveis, tais como a adesão a dietas milagrosas, malhação excessiva, uso de anabolizantes, excesso de cirurgias plásticas, etc. Essas práticas e intervenções, com maior ou menor grau de adesão pelos sujeitos, podem comprometer a saúde do corpo bem como podem revelar um constrangimento social provocado pela sensação de nunca achar que se atingiu o padrão idealizado. Esse é um processo muitas vezes silencioso e que deixa cicatrizes profundas, que são traduzidas pelo avanço dos casos de “doping” no esporte, surgimento de doenças graves em usuários de hormônios sintéticos, crescimento dos casos de anorexia e bulimia, etc. Tomando emprestado a idéia de Jean-Jacques Courtine (1995), penso que é na *lógica tirânica do detalhe anatômico* que essas condutas e suas conseqüências ganham visibilidade a ponto de serem tidas como naturais nos dias atuais.

Na busca de perceber o corpo humano na condição de fruto da cultura e das relações sócio-históricas e não limitado pela anatomia e fisiologia, é preciso

pensar em especial em uma camada da população que está mais vulnerável a essa visão estereotipada propagada pela mídia e os hábitos do mundo moderno – os jovens, que vivem bombardeados por imagens de corpos perfeitos, com modelos a serem copiados e reproduzidos. Justamente em um momento da vida em que o corpo passa por mudanças físicas tão importantes, que aos olhos pouco tolerantes dos jovens toma a proporção de monstruosidades que são capazes de diminuir ou afastá-los da vida social. Quem nunca se viu ou viu um jovem às voltas com a acne, com o aumento de peso, com aumento brusco na altura, tentando esconder os seios sob largas blusas ou curvando-se para frente, tentando esconder as mudanças na voz, entre outras coisas. A vulnerabilidade dos jovens diante do culto ao corpo e talvez seu anseio por um corpo ideal também passa ou é determinada por essas questões biológicas que tomam essa proporção por questões culturais.

Além disso, a juventude é, nos dias atuais, mais do que uma fase de vida, é um “status” que todos querem alcançar. A esse respeito diz Regina Magalhães de Souza (2003)

...sob orientação dos meios de comunicação e do mercado de consumo, no momento atual ocorre um processo de “juvenilização” ou de “teenagização” (cf. Kehl, 1998) da cultura ocidental: a juventude, associada a valores e estilos de vida e não propriamente a um grupo etário específico, transformou-se em modelo que todos querem adotar. Em vista da debilidade de pertencimento a uma comunidade de valores e sentimentos, característica da cultura contemporânea, o mercado prometendo liberdade e anunciando a novidade, dois símbolos juvenis, institui a própria juventude como fonte primeira de todos os valores (SARLO, 1997 apud SOUZA, 2003, p. 46).

Vendendo um ideal de alargamento da juventude, a mídia atual, sobretudo a escrita, tem explorado esse tema com frequência. Várias revistas

semanais e mensais trazem receitas, entrevistas, fórmulas, produtos, técnicas que prometem a tão sonhada fonte da juventude. Cada uma a seu modo, atendendo a seu público específico, vende a idéia de juventude como uma conquista à qual todos têm direito e, acima de tudo, propaga a idéia de que é necessário travar uma guerra contra o envelhecimento. E quem fornece as armas para vencer essa batalha? A sacrossanta ciência, a responsável por curar o mal materializado na velhice e a *fealdade* materializada na gordura. Normalmente, essa é a tônica das mensagens. Apenas para citar um exemplo, a revista *Veja*, uma das maiores revistas semanais do mercado editorial brasileiro, trouxe recentemente em sua capa a seguinte mensagem: “Receitas da ciência para manter-se jovem aos 30, 40, 50...e 60 anos”. Em destaque, como que para legitimar a sua promessa, aparece uma chamada para uma entrevista com o médico americano Michael Roizen, que, segundo a revista, é o papa do rejuvenescimento, em que ele aponta alguns passos que, se forem seguidos, poderão permitir à pessoa ter 20 anos menos que sua idade biológica. A julgar pela grande vendagem de revistas com esse enfoque, o livro do Dr. Roizen entrará para o topo da lista dos mais vendidos, devendo permanecer lá por semanas.

Então é importante ouvir aqueles que “todos querem ser”, ouvi-los de seu lugar social. Há que se considerar ainda dois fatos significativos: o primeiro é que as academias de ginásticas, consideradas o palco do culto ao corpo, nunca foram tão freqüentadas por jovens. Estima-se que cerca de 25% dos freqüentadores das academias sejam jovens com menos de 20 anos; o segundo diz respeito ao fato de

que 15% das cirurgias plásticas, o ícone da intervenção no corpo, foram feitas em adolescentes.

Pensando nessas questões, busco os sentidos de corpo para jovens. O que exige, primeiramente, pensar o que significa ser jovem.

É muito difícil encontrar alguém que não fale da juventude de forma estereotipada. Esses estereótipos acabam por configurar um imaginário acerca do jovem que passa a ser visto como aquele que está em uma fase de vida conturbada e de atitudes inseqüentes. Nos dias atuais, há um reforço desse olhar porque a mídia confere visibilidade a esses atores sociais, na maioria das vezes, com esses pressupostos.

Na presente pesquisa, optei pela faixa etária que vai dos 15 aos 20 anos. Fiz essa opção consciente de possíveis perdas para a pesquisa, contudo não o fiz de forma arbitrária. Partindo das considerações acima, da minha imersão no universo de pesquisa e de minha experiência profissional, acredito que essa faixa etária permitiu compreender de forma focalizada o estudo em questão. Mesmo correndo o risco de ser taxada de relativista, ousou dizer que o sujeito nesta faixa etária, na maioria das vezes, está mais afastado da infância e ainda não penetrou no mundo adulto. Entretanto, essa premissa não carrega consigo o ranço de que “eu não te perdôo por não ser mais criança e não admito que ainda não seja um adulto” (FREITAS; MARTINEZ; PEREIRA, 1999).

Refletindo sobre o fato de que, pela lógica do mercado, a juventude passa a ser um ideal cultural, Souza (2003) diz que as qualidades tradicionais

atribuídas à juventude como "fase de transição, incerteza, mobilidade, abertura para a novidade e a mudança, instabilidade, amplas possibilidades, experimentação de diferentes identidades sociais" demonstram um deslocamento que supera a visão biológica e revela um modelo cultural a ser seguido em diferentes fases da vida. Atualmente, aponta a autora, o universo adulto mantém uma porção adolescente que permite, justifica e enfatiza a possibilidade da diferença, traduzida pela idéia da "metamorfose ambulante". Nesse sentido, complementa que "o neologismo criado pela imprensa britânica e quase incorporado ao 'New Oxford Dictionary of English' – a adultescência – expressa bem essa permanência de valores e estilos adolescentes na vida adulta" (CALLIGARIS, 1998 apud SOUZA, 2003, p. 47).

Na tentativa de contrapor uma visão calcada em atributos tradicionais e desconfiando dessas "verdades incontestas", Alex Branco Fraga (2000) trabalhou com um grupo de adolescentes em "inquietante harmonia" que contraria o imaginário acerca da juventude. A esse respeito ele diz:

Nessa multiplicidade de identidades culturais, na qual as certezas são cada vez mais provisórias e as mudanças mais vertiginosas, foi possível visualizar no comportamento apresentados pelos alunos e alunas da Escola Maria Fausta um jeito próprio de ser adolescente que, de certa forma, coincide com a emergência de uma juventude que alguns indicam como equilibrada e mais ajustada à mecânica social (p. 70).

Vejo importância no olhar proposto pelo autor porque reflete sobre o bom mocismo na adolescência e une os temas corpo e juventude em uma mesma pesquisa. Pesquisas dessa natureza podem contribuir para que trabalhem na escola, o que Simone Chaves (1999) chamou de contra discurso, "que valorize a

construção de sujeitos cujas subjetividades apontem suas especificidades e suas diferenças: o sujeito singular que existe em cada ser humano" (p. 109).

Com relação à "estudos sobre juventude" Marília Sposito (1999) diz que há um sensível crescimento na década de 1990. Contudo, alerta a autora, é prematura qualquer inferência sobre maior interesse nesse campo de investigação, na área de educação, porque nesse mesmo período cresceu o número de teses e dissertações defendidas no Brasil.

A bibliografia consultada aponta para definições comuns à juventude que são: cronológicas (dos 12 aos 21 anos); físicas (puberdade); psicológicas (reorganização da identidade profissional, sexual e filosófica); sociológica (reencontrar seu papel na sociedade), conforme Leila Ferreira Salles (1998, p. 47). E, ainda, que as ciências médicas criaram a puberdade, que se refere à fase de mudanças corporais do indivíduo criança para o indivíduo maduro; que a psicologia, a psicanálise e a pedagogia criaram a adolescência, que se refere "às mudanças na personalidade, na mente e na atitude do indivíduo que se torna adulto"; a sociologia que trabalha com a idéia de juventude, que se refere ao período entre as funções sociais da infância e as funções sociais do homem adulto, diz Luís Antônio Groppo (2000, p. 13-14).

Entretanto, para além dessas demarcações, há que se considerar "a existência de uma cultura juvenil (a um só tempo universal e tribal)" diz Souza (2003, p. 52), citando o estudo de Sarlo (1997), ou "culturas juvenis que perpassam as diferentes classes sociais ainda que sejam apropriadas de uma forma particular

por um ou outro grupo social” acrescenta a autora, utilizando os termos de Coelho (1997). Isso quer dizer que, apesar das particularidades presentes em cada grupo social ou tribo, há uma relação de imanência, considerando-se o modelo cultural em vigor, ou seja, em qualquer lugar social que esteja, o jovem se encontra influenciado por uma cultura juvenil, que atinge a todos, e essa é influenciada por todos, em um processo dinâmico e dialético. A forma de interpretação dessa cultura é que vai variar de acordo com a inserção social de cada ator ou grupo de atores sociais.

Definir a faixa etária que corresponde à juventude é uma tarefa difícil. Há um “conhecimento tácito” na maioria das análises, no que diz respeito à “transitoriedade – como elemento importante para a definição do jovem – a transição da heteronomia da criança para a autonomia do adulto”. Embora esse fato seja real, a forma como acontece essa fase, sua duração e características têm sido diferentes nas diversas abordagens acerca do tema. Além disso, é necessário “reconhecer que a própria definição da categoria juventude encerra um problema sociológico possível de investigação, na medida que os critérios que as constituem enquanto sujeito são históricos e culturais” (SPOSITO, 1999, p.38).

Sposito (1999) diz ainda que na delimitação de faixa etária, deve-se considerar “as condições necessárias em que se opera o desenvolvimento dos ciclos de vida em sociedade como a brasileira.” Em seu trabalho de pesquisa, a autora seguiu a recomendação de Felícia Madeira, elegendo a faixa etária de 15 a 24 anos.

Souza (2003) alerta que o jovem deve ser visto como uma categoria histórica. Partindo dessa idéia, rompe-se com a lógica que coloca o jovem desvinculado de sua realidade socioeconômica e cultural, ao contrário, para explicar a conduta juvenil, há que se considerá-lo como parte da estrutura global. Tudo isso supõe tratar a juventude de acordo com seus possíveis segmentos e características: estudantes ou não, trabalhadores ou não, urbanos e rurais, moradores de cidades grandes e pequenas, homens e mulheres. (Acrescentaria à idéia da autora: moradores de regiões mais nobres ou centrais e periferias, e ainda de acordo com a raça e religião). Em suma, a condição juvenil muda de acordo com a sociedade na qual o jovem está inserido, e dentro desta, no decorrer do tempo, em função do grupo e ou classe.

Sem perder de vista estas recomendações, busquei nos jovens informantes desta pesquisa, tudo o que foi possível apreender em relação às suas características. Esse exercício possibilitou a percepção dos mesmos na condição de categoria histórica.

Conciliando os termos corpo, juventude e imaginário social, tomei consciência da dimensão do meu trabalho. Esse sentimento foi reforçado quando consultei o banco de dados do NUTESES e utilizei essas palavras chaves, constatando que não há registro de nenhuma pesquisa realizada. Sendo o NUTESES referência como banco de dados de pesquisa em Educação Física, posso afirmar que essa pesquisa preencheu uma lacuna importante no conhecimento acerca do tema.

Acredito que uma das formas de conseguir isso é apreender o sentido de corpo para o jovem, o que pôde ser feito pelo caminho do Imaginário Social, ou seja, propus-me a contribuir para a compreensão do sentido de corpo para os jovens através dos seus enunciados discursivos, em que estão presentes seus mitos, suas crenças, fantasias, desejos e aspirações. Apreender esses indicadores passou pela compreensão do discurso juvenil.

Pesquisar no campo do Imaginário Social favoreceu na identificação e na compreensão dos mecanismos de manipulação do corpo, bem como nas determinações às quais esses jovens estão sujeitos na sociedade do "culto ao corpo", além de permitir ainda, o conhecimento dos processos de resistência utilizados por eles.

Porém, ao centrar meu olhar pela via do Imaginário Social, não tive a pretensão de apreender todo o sentido de corpo para jovens. Coaduno com a perspectiva de Pereira (1999) e acredito que o recorte centrado no Imaginário Social é arbitrário como qualquer outro recorte, pois valoriza determinadas dimensões do real em detrimento de outras.

Ou ainda como esclarecem Nilda Teves Ferreira e Marisa Faermann Eizirik: (1994):

Qualquer olhar, enquanto um olhar, deixará sempre regiões sombrias sobre esse campo. Melhor dizendo, não se trata de

uma leitura Neokantiana, de admitir que existe sempre alguma coisa que escapa dos dados da observação, mas admitir que todo o olhar focaliza regiões da realidade e, como tal, tem suas fronteiras, interface com outros olhares (p. 7).

Apesar do crescente número de publicações e temas de pesquisa acerca do corpo e do imaginário social ser uma realidade, a conjunção dos dois em um mesmo projeto de pesquisa ainda é pouco explorada. Um exemplo significativo que comungam os dois temas é a pesquisa de Marcus Nascimento Coelho (2000), cujo título é “Linguagem Corporal: o imaginário do corpo”, em que ele tem a História como *fio condutor* para compreender a expressão corporal e a forma de interpretação estética de práticas corporais da tradição ocidental e oriental. Além disso, o autor buscou um painel comparativo entre essas práticas: as Artes Marciais Orientais, em uma perspectiva que as leva *do eu para o nós*; a Capoeira, percebida como a *expressão da ausência*; o Ballet Clássico, materializando *a dança no poder*; o Boxe, representando *a dialética da força*; e as Danças Folclóricas, simbolizando *o corpo na cultura popular*, o autor enfatiza a manifestação do corpo-cultura em suas condições sócio-históricas, além de chamar a atenção pelo fato de que, em sua análise, ele visualizou as interfaces entre práticas corporais tão distintas. Segundo o autor, isso é possível porque todas elas são oriundas do mesmo lugar: “da inesgotável vontade do corpo de se comunicar e interagir consigo mesmo e com o mundo” (p. 18).

Penso que, se sabemos que várias são as leituras que podemos ter de um determinado fenômeno, nenhuma leitura ou recorte se basta em si mesmo. É por isso que devemos considerar também o imaginário, pois ele permite um leque amplo de leituras e releituras.

Assim, para o presente trabalho, em que busquei explicitar os sentidos de corpo para jovens através dos seus discursos, centrei-me em uma abordagem voltada para o imaginário social; constituí o elemento de análise através dos indicadores presentes em seus enunciados discursivos: os mitos, as fantasias, as crenças e as aspirações. Essa perspectiva possibilitou o conhecimento de algumas das questões que têm tatuado esses corpos jovens ou jovens corpos.

Ressalto que a idéia de corpo como “objeto de estudo” não considera “objeto” no sentido exato da palavra. Conforme orienta Tânia Guimarães Pompeu (1998):

O corpo não é um objeto, no exato sentido do termo, pois ele é existência que se anuncia, e nos objetos há somente concretude e não intencionalidade de existência e só corporalmente a existência humana pode se anunciar no mundo e a si própria (p. 14).

Sem perder de vista que a questão que norteou esta pesquisa foi que sentidos de corpo circulam no imaginário, parti em busca dos dizeres acerca do corpo para jovens.

A minha hipótese, construída através de observações assistemáticas e da literatura sobre o tema, apontava que os sentidos de força e de beleza fazem parte do discurso dos jovens acerca de corpo; que, para eles, falar em corpo remete a algo bonito e forte; que têm um ideário de que esse padrão de corpo pode ser facilmente construído. Além de haver uma naturalização desse pensar sobre corpo, de alguma forma os jovens desconsideram ou desprezam as diferenças reais com as quais convivemos cotidianamente.

Assim, entendendo que os jovens são os protagonistas e o alvo significativo da indústria da malhação e da sociedade do culto ao corpo, que há um uso cada vez mais freqüente e sofisticado de imagens de corpo que irrompem em imaginários, torna-se fundamental, indispensável, que a educação continue em busca da compreensão “do ser corpo” para os jovens. Localizar em que contextos estão calcados seu sentimento de corpo pode propiciar a incorporação de reflexões à educação que favoreçam “um viver corpo” e “ser corpo” mais condizente com a vida e dignidade humana.

3- Olhares Teóricos

Olhares diversos constituem seus objetos de conhecimento, e cada cientista sabe que seu olhar é apenas um dos possíveis olhares

3.1- O corpo

“O corpo talvez seja o mais belo traço da memória da vida”

A relação que cada sujeito estabelece com seu corpo aponta, nos dias atuais, para uma nova forma de viver a corpororeidade. A secundarização do corpo em relação à mente, que o negava como possibilidade de viver humanamente no mundo, parece dar lugar a uma “reapropriação” do corpo, jamais vista em toda a história. Há um uso cada vez mais narcíseo e hedonista do corpo que requer cada vez mais disciplina. Essa reapropriação vem supostamente investida de liberdade, como se ao homem fosse dado o livre arbítrio para decidir sobre o que fazer com o seu corpo: um olhar apressado comporta essa visão, mas, na verdade, há uma liberdade travestida, mascarada ou pelo menos assistida.

Na realidade posta, o corpo está no alvo da moda, e isso me impele a refletir sobre a sua complexidade e seus diferentes usos. Na tentativa de fazer uma análise que fosse além de denunciar a dicotomia e a fragmentação do corpo, e que não se pautasse por uma visão apocalíptica, encontrei em Denise Bernuzzi de Sant’Anna subsídios para fomentar minhas reflexões. Entretanto, busquei em outros autores idéias e pistas que enriqueceram a presente discussão.

Pensar o corpo em toda sua complexidade passa pela história da humanidade, e, acredito, pela necessidade de perceber que, em seus diferentes momentos, ele foi idealizado de acordo com a cultura dominante. Significa afirmar

que toda concepção de corpo sendo histórica é, portanto, datada e localizada. A civilização ocidental, matriciada na Antigüidade grega, carrega em seu âmago a percepção do homem como corpo e alma, ou seja, com uma visão dualista. A esse respeito diz Sant'Anna (2002)

A alma era considerada aquilo que não muda, nem engana. O corpo, ao contrário, poderia trapacear os sentidos, entorpecer as virtudes, desviar a inteligência de seu caminho. Essa mentalidade não cessou de ser reforçada e ao mesmo tempo, criticada, no decorrer da época moderna (p. 25).

Walter Bracht (1999) reforça que a compreensão de corpo é fundamentada na maneira como o ser humano vem (re) produzindo a vida. “Nesse sentido, o corpo sofre a ação, sofre várias intervenções com a finalidade de adaptá-lo às exigências das formas sociais de organização, da produção e reprodução da vida” (p. 71).

O mesmo autor segue estabelecendo categorias que, em um movimento de ir e vir, no tempo vivido do corpo ilustram os principais significados atribuídos a ele ao longo da história humana. “Alvo das necessidades produtivas (corpo produtivo), das necessidades sanitárias (corpo saudável), das necessidades morais (corpo deserotizado), das necessidades de adaptação e controle social (corpo dócil)” (BRACHT, 1999, pg 71-72).

Esse movimento no sentido de ir e vir Hugo Assmann (1993) chamou de danças e metáforas do corpo. Perguntando quantos corpos tivemos sucessiva e simultaneamente, o autor reforça a idéia de que sempre nos inculcaram que temos um corpo, no lugar de sermos nosso corpo. “As culturas, as ideologias e as organizações sempre inventaram um corpo humano adequado e conforme” (p. 72).

Prossegue, dando alguns exemplos que ilustram de forma relevante os usos e (des) usos do corpo:

a) corpo 'jardim fechado': como rezam as ladainhas cristãs [...] subsiste, cultivado, por muitos lados. Templo, morada, mistério inviolável, âmbito de deuses e demônios. Éden proibido e cobiçado [...] b) corpo 'aberto e devassável': desde os alquimistas [...] até a visão fatalmente estreita do corpo anatômico, daquilo que se apregoa como ciência, o da medicina oficial e do esporte competitivo [...] c) corpo ajustável: o corpo moderno ganhou características inéditas: deixou para trás a rigidez de concepções antigas e mais ou menos sacrais [...] corpo educável, microcosmo dessacralizado e sem mistério, força de trabalho ajustada e ajustável [...] até culminar no corpo[...]da engenharia genética e do mercadeio de órgãos; d) corpos políticos: corpos libertários e anarquistas, monárquicos, socialistas, capitalistas; e) tantos outros corpos: [...] os esvoaçantes, produzidos pela mídia e pelos fãs, sonhado no imaginário das novelas. E os desafiadores para a ciência obtusa, corpo biopsico-energético [...] sensorial e extra-sensorial, encouraçado ou bioenergético, travado ou vibracional e socio-ecológico (ASSMANN, 1993, p. 73-74).

Em suma, esses movimentos no tempo vivido dos corpos, seus recortes e metáforas, permitem visualizar os principais significados atribuídos socialmente ao corpo, permitindo explicitar e dessa forma compreender seus possíveis sentidos nos dias atuais. Isso tudo sem perder de vista que, além de ser uma construção histórico-cultural, “o corpo funciona como um processador da história, por meio da qual são veiculados e modificados os legados culturais e biológicos”. Estando tão atrelado à história “faz sentido dizer com Certeau que cada cultura tem seu corpo, assim como ela possui a sua língua” (SANT’ANNA, 2000, pg 50).

Para além de uma análise que se paute na cronologia, centrei meu olhar no século XX, considerado o século do “culto ao corpo”, sem perder de vista seus antecedentes históricos, mas sem me ater muito a eles.

Ao longo do século passado, confirmando a idéia de que estamos constantemente redescobrimo o corpo, Sant'Anna (2000) diz que:

...o corpo foi redescoberto pelo higienismo redentor e pelos combates contra a suposta degenerescência das raças, a seguir pelas proliferações das colônias de lazer, pela expansão do cinema, do escotismo e da emergência das férias pagas, depois pelas seduções da publicidade e da televisão e, mais recentemente, pelos movimentos de liberação sexual, pelos novos ritmos musicais, as diferentes tendências da moda, a massificação da pornografia e, enfim, o advento da biotecnologia (p. 50).

Pode-se dizer ainda que o século XX foi marcado por duas grandes guerras, por conflitos regionais espalhados pelo mundo, pelo *boom* tecnológico, pela mudança de conduta em todas as classes sociais, com o fenômeno da mídia, do culto ao corpo, da moda, da cirurgia plástica, enfim, por padrões de corpo e comportamento típicos do mundo capitalista, do indivíduo diferenciado pelo consumo de determinado produto (SANT'ANNA, 1999).

Se o corpo ainda pode ser, em algumas situações, utilitário, dócil ou deserotizado. Some-se a isso o fato de que agora ele pode sofrer interferências e intervenções, ou seja, pode ser modificado de acordo com os padrões divulgados pela mídia, pela moda e pela indústria do consumo.

Refletindo no sentido “das razões do culto ao corpo às condutas éticas”, Denise Sant'Anna (1999) sinaliza que “há décadas o corpo está em alta”, sobretudo após o final da Segunda Guerra Mundial, quando ganhou maior visibilidade.

Apesar dessa grande evidência ser real, é importante ressaltar que ela não é única, pois as intervenções no corpo são seculares, e as práticas que visam a seu cuidado são tão recorrentes quanto regulares na história. O fato de o corpo

estar em voga levou a autora a refletir sobre a conduta ética nos usos e (des) usos do mesmo. A esse respeito, sinaliza que “os limites dos usos racionais do corpo parecem cada vez mais frágeis aos usos do corpo sem razão e sem perdão, que o comercializam e o reconstroem em favor das necessidades do mercado global.” (SANT'ANNA, 1999, p. 57).

O culto ao corpo contemporâneo é marcado e acelerado pelos movimentos sociais “herdeiros de maio de 68”. A consequência é um grande interesse em lançar outros olhares para esse corpo.

As gerações mais antigas se assustam com a revolução corporal em curso [...] e não demoraria muito para que esses valores inscritos nos corpos se tornassem objeto de estudo entre os pesquisadores das ciências humanas. A voga corporal deu lugar à criação da ‘sociologia do corpo’ e de uma ‘antropologia da expressão corporal’ (SANT'ANNA, 1999, p. 57).

Logo se evidenciou também que o corpo colocado em destaque não era qualquer um, tampouco todos. O culto ao corpo jovem, atlético e bonito ganhou um poder de atração espetacular: “valorizava-se o corpo cada vez mais amplamente, como se ele tivesse sido descoberto pela primeira vez e se tornasse tão importante como outrora havia sido a alma” (SANT'ANNA, 2000, p. 51).

A década de 1980 é considerada um marco, pois nela surge um padrão de corpo menos romantizado que o de maio de 68. O corpo deve ser fruto da combinação de disciplina e superação de limites físicos, dentro e fora do esporte. O corpo forte, atlético e bonito sai dos domínios dos ginásios, estádios, clubes e academias e chega às ruas. A necessidade de exercitar o corpo chega a todas as camadas sociais. A sociedade assiste ao *boom* das academias de ginásticas. A

crítica nesse contexto surge em relação aos jovens dos anos 80, que foram “acusados de alienados e passivos diante de toda a megaindústria da moda e da beleza” (SANT’ANNA, 1999, p. 59).

Essa aceleração do culto ao corpo produziu uma “multidão de musculosos e aeróbicos”, e esses foram acusados de restringir toda a atividade humana, incluindo aí a sexual, “a mais uma *performance*”, criando uma nova roupagem para o culto ao corpo – culto da *performance* (SANT’ANNA, 2000, p. 55).

Nos anos de 1990, “chegamos um pouco cansados de tantas aventuras de culto ao corpo” (SANT’ANNA, 1999, p. 60). Destaco que a mudança é no sentido da explosão do discurso da qualidade de vida: o corpo é menos cultuado por modismo ou marca da Modernidade e mais como garantia mínima de qualidade de vida. O discurso muda, mudam-se os hábitos, mas *Narciso* continua a achar *feio o que não é espelho*. Ainda que haja mudança no discurso, o tom imperativo continua a ditar o certo e o errado no corpo.

É nesse cenário que começam a proliferar as imagens de homens e mulheres “turbinados”. Sant’Anna (2000) sugere que esses corpos além, de “turbinados”, são estressados. Dos “turbinados”, a publicidade criou a imagem de “corpo hiperpotente, totalmente produtivo, lucrativo, comercializável”. Mas, apesar de continuarem a fazer parte do “cenário mundial”, alerta a autora, uma parte deles se desmanchou em “estresse, depressão, colesterol, ansiedade, ou a descobrir artroses, músculos distendidos e vitaminas falsificadas” (p. 55-56).

Nesse contexto, não há acusação; há uma suspeita de que esses homens e mulheres “turbinados” completamente “plugados” às suas máquinas, revelem sujeitos paradoxais: “cada vez mais conectados em suas máquinas e seus corpos e cada vez mais isolados do coletivo” (SANT’ANNA, 2000, p. 55)

Atualmente há a necessidade de se refletir no sentido de que, ao mesmo tempo que percebemos o quanto vivemos uma época que valoriza o corpo, reconhecido “como sujeito primordial, sensível e tão importante quanto em outros momentos fora a alma”, percebemos também o quanto ele é “aviltado e explorado, objeto de imensas curiosidades, de intensas explorações comerciais, de diferentes manipulações científicas e industriais”. Outra tônica dos dias atuais é com relação à transformação em razão, e “numa razão fundamental e original do corpo”, da saúde e do retardamento do envelhecimento e da morte não serem apenas um desejo e sim “sintomas da vida natural e racional” (SANT’ANNA, 1999, p. 61).

Corroborando essa idéia, Fraga (2000a) diz que há uma atração pela superação de limites que “está estrategicamente relacionada à insistente busca de mecanismos que evitem doenças, retardem o envelhecimento e prolonguem a vida”. Todavia, prossegue esclarecendo que para conseguir tudo isso é necessário sujeitar o corpo “a uma ordem biotecnológica que naturaliza as pesadas cicatrizes deixadas nesse processo” (p. 139).

É voz recorrente que o corpo bonito é o que se destaca, que tem visibilidade, e creio poder afirmar que corpo, para ser bonito, tem que ser sarado, jovem e feliz. Chega-se a essa conclusão observando o grande investimento atual

no aspecto corporal: ao assistir à tv, ler revistas, jornais, olhar “outdoors”, depara-se com esse fenômeno. Diante de tanto glamour e endeusamento, materializados em corpos (supostamente) perfeitos, os simples mortais ficam estarecidos, boquiabertos e de certa forma, por não se reconhecerem, humilhados em seus corpos comuns. Em qualquer lugar que se vá, em toda incursão pela mídia, o corpo perfeito está lá, pronto a seduzir, convencer, converter e fazer sonhar. Ele não fala por si mesmo, mas através de um desejo fabricado de maneira sutil, que leva ao consumo desse corpo, que, na grande maioria das vezes, é resultado das mais avançadas técnicas de computação gráfica e fotografia.

Longe de uma visão maniqueísta e apocalíptica, reconheço a estreita relação entre o imaginário social e essa fábrica de sonhos, que é a mídia atual, destacando-se a televisão, tantas vezes questionada pelo seu grande poderio em propagar elementos do imaginário. Ressalto ainda que o corpo é resultado de diferentes ideologias que o configuram ao longo da história, que ele é uma construção histórico-cultural e não limitado pela anatomia. Mas é necessário reconhecer que, além disto tudo, o corpo

adquire diferentes sentidos no momento em que é investido por um poder regulador que o ajusta em seus menores detalhes, impondo limitações, obrigações e autorizações para além de sua condição fisiológica. Um poder que não emana de nenhuma instituição ou indivíduo e muito menos se estabelece pelo uso da força, mas sim pela sutileza de sua presença nas práticas corporais da vida cotidiana (FRAGA, 2000, p. 98).

É pela sutileza que a grande maioria da população é levada a consumir toda sorte de produtos, freqüentar academias e fazer as atividades da moda, se submeter a intervenções corporais, utilizar-se de drogas e acatar todo tipo de dieta.

Porém, além de reconhecer essa capacidade da mídia em geral e da publicidade, em particular, esclareço que meus indicadores objetivam explicitar os sentidos de corpo presentes no imaginário de jovens. Por isso, a mídia e tudo que a envolve perpassam minhas análises, mas não se configuram parte principal de minhas reflexões.

Com tudo isso, lembra Sant'Anna (2002), o corpo como todas suas diversidades e possibilidades mostra-se complexo e paradoxal, porque é o tempo todo investigado sem nunca ser completamente descoberto; bastante familiar e incrivelmente desconhecido.

É complexo e paradoxal porque, embora não perca sua capacidade de “metamorfosar”, possui uma memória orgânica, em que estão inscritos saberes atávicos e informações genéticas ancestrais. Nesse sentido, conclui Sant'Anna (2001) que “o corpo que somos é concomitantemente virtualidade e memória... Sua complexidade biológica e histórica faz dele o mais belo e intrigante traço da memória da vida” (p. 30).

3.2- O imaginário social

[...] recuperar o sentido do agir humano, que nem sempre é pilotado pela razão ou pela consciência.

O número crescente de trabalhos científicos sobre o imaginário demonstra que esse referencial vem despertando o interesse dos pesquisadores, o que possibilita ampliar o olhar sobre ele, nas diversas áreas do conhecimento humano. No Brasil, ainda que tímida, a produção acadêmica já se mostra fecunda acerca dos estudos sobre o imaginário. Em várias universidades brasileiras, o enfoque no imaginário social, além de se tornar realidade, vem legitimando os estudos com essa filiação teórica. Faço essa ressalva porque, em minha trajetória no Mestrado, por muitos momentos, vi-me em situação de ter que defender minha adesão, não como acontece em um processo natural de pesquisa, e sim para responder a um misto de dúvidas, controvérsias e desconfianças.

Branislaw Backzo (1985), em um dos mais interessantes estudos sobre imaginário diz que: sendo relativamente nova e polissêmica, a noção de imaginário social, cuja natureza eclética o coloca na condição de não possuir uma teoria que lhe sirva de suporte, provoca dúvidas e confusão. Dessa forma, equivale dizer que seu estudo tem interfaces com várias ciências, configurando seu caráter multidisciplinar; e que não é possível penetrar seus mistérios através de procedimentos imediatos. Ou seja, investigar o imaginário social presume diversas formas de abordagens e diferentes caminhos que tanto podem se cruzar, quanto se contrapor, porque o imaginário se funda por intermédio de conjuntos simbólicos complexos em que estão presentes representações ideológicas, religiosas e míticas.

No campo da Filosofia, Hilton Japiassu e Danilo Marcondes (1996) dizem que o imaginário (lat. Imaginarius), em um sentido mais específico “é o conjunto de representações, crenças, desejos, sentimentos, através dos quais um indivíduo ou grupo de indivíduos vê a realidade e a si mesmo” (p.138).

Este conceito nos remete ao imaginário como representação individual ou coletiva. Neste contexto, o imaginário “faz parte da representação como tradução mental de uma realidade exterior percebida”, possuindo apenas uma parte do campo da representação, porque vai além de um processo mental e da representação cognitiva (JAPIASSU; MARCONDES, 1996, p. 139).

Falar em imaginário pode parecer, *a priori*, que a discussão fica no plano das idéias, dos sonhos e da utopia. É correto dizer que o imaginário parte da imagem, mas é na realidade “palpável” do dia-a-dia que ele se manifesta, ou seja, o imaginário não se configura pela negação do real, antes, isto sim, sustenta-se neste para transformá-lo e, por que não, organizá-lo e reinventá-lo no âmbito das relações sociais. Assim, permitirá outras relações com o suposto real. Nesse sentido, o imaginário

possui um compromisso com o real e não com a realidade. A realidade consiste nas coisas, na natureza, e em si mesmo o real é interpretação, é a representação que os homens atribuem às coisas e à natureza. Seria, portanto, a participação ou a intenção com as quais os homens de maneira subjetiva ou objetiva se relacionam com a realidade, atribuindo-lhes significados (LAPLANTINE; TRINDADE, 1997, p.78 e79).

Essa premissa permite romper com o “pré-conceito” que coloca o imaginário apenas no campo da imaginação, no sentido de ilusório, o que contribui

para disseminar certa resistência a estudos com esse enfoque. Proponho, pois, que nesta pesquisa o imaginário assuma conceitos e sentidos distintos desses que o colocam no plano da ilusão, isto é, proponho que ele seja investido da capacidade de inventar, produzir e construir. Da mesma forma que o imaginário alega a seu favor a capacidade de criar idéias a partir da imaginação, ele é criador porque ele faz o pensar. Complementando essas idéias, Leliana Santos de Sousa (1996) diz que:

O imaginário é um adjetivo masculino que tem seu feminino substantivado na forma imaginária. O imaginário é mais abrangente que uma forma dual e fragmentada e excludente de ser. O imaginário é inerente ao sujeito. É o novo que se cria permanentemente. O imaginário está no discurso, nas relações sociais, no processo educativo, nas contradições e implicações de cada sujeito. Ele faz mover as pessoas e os elementos constitutivos de um momento histórico (p. 54).

Na história do pensamento humano, o imaginário social foi, em diferentes momentos, permeado pela crítica e descrédito. O desmerecimento da dimensão imaginária social em detrimento da puramente racional relegou o simbólico à fantasia produzida pelo espírito, afirma Oliveira (1995), citado por Eveline Torres Pereira (1999) , que diz ainda:

toda essa dicotomia razão/emoção constitui-se na herança legada a nós pelo pensamento de Descartes. O ideário racionalista deste filósofo, opondo real e imaginário, ainda impregna nossa visão de mundo e nos leva a crer que a realidade se esgota em uma única modalidade de conhecimento (pg 26).

Portanto, foi a partir dessa concepção pautada no “penso, logo existo” que o imaginário social ficou relegado ao segundo plano. Essa tônica nos deixou a herança de que somente da razão pode surgir o verdadeiro conhecimento. Propondo-se a compreender melhor o homem moderno, Sholl (1992), citando

Cunha (?), sugere a inversão da afirmação “penso, logo existo” pela afirmação “existo, logo penso, danço, corro, amo, desejo, etc”, porque, segundo a autora, “o que se distingue no homem é uma ordem consciente que obedece ao discurso da razão e uma ordem inconsciente que obedece ao discurso da emoção” (SHOLL, 1992, p. 111).

Falar em estudo do imaginário é falar de Gilbert Durand, que constrói sua teoria do imaginário influenciado principalmente pela Psicologia Analítica, de Jung. Em sua principal obra, *As estruturas antropológicas do imaginário (1989)*, Durand baseia sua teoria sobre a imaginação simbólica como uma construção cultural que se manifesta através das estruturas do inconsciente humano.

O autor contribui ainda com um novo referencial teórico-metodológico chamado mitodologia, que vai no sentido oposto, e contrapõe a ciência moderna ocidental, que tem suas raízes fincadas no racionalismo cartesiano e no positivismo kantiano. A mitodologia aparece como uma alternativa metodológica de abordagem, que leva em consideração os mitos como elementos instituintes da realidade imediata.

Outro grande legado de Durand foi o fato de que ele evidenciou a importância do simbólico, fazendo ressurgir a importância dos mitos e dos arquétipos. Defendeu a percepção do imaginário com regras estruturais próprias para interpretar e compreender os mitos e símbolos em geral, ajudando a superar a idéia de imaginário como uma vaga abstração.

Outra grande contribuição vem de Pierre Ansart (1978) fundada no princípio de que:

toda sociedade cria um conjunto coordenado de representações, um imaginário através do qual ela se reproduz e que designa em particular o grupo a ele próprio, distribui as identidades e os papéis, expressa necessidades coletivas e os fins a alcançar (p. 21).

Partindo deste princípio, ele diz que o imaginário social é formado por conjuntos de “representações através das quais as sociedades se autodesignam, fixam simbolicamente suas normas e seus valores” (ANSART, 1978, p. 22). Essa prática social acontece em uma *rede de sentidos e significados* que cada sujeito ou grupo atribui a suas ações, o que configura sua dimensão simbólica, indo além da dimensão material que aparentemente encerra a vida em sociedade.

Perceber a prática social investida, impressa, travestida, marcada de sentido possibilita conhecer as formas de organização de uma sociedade, conforme salienta Bazcko (1985). Contudo, há que se reconhecer que o sentido é inerente à prática social. Portanto, um não existe sem o outro.

Os caminhos do imaginário são vários e muitas vezes divergem. Sendo assim, encontro em Ferreira e Eizirick (1994) um conjunto de idéias que fundamentarão o que, nesta pesquisa, entendo como imaginário social.

Salientando que o advento da complexidade instala uma nova era em que os pressupostos positivistas e intelectualistas esbarram, as autoras dizem que “descobre-se que o real e o ideal, o concreto e o abstrato, a matéria e as relações

são conceitos instituídos socialmente e que neles está presente o modo de produção de seus sentidos” (FERREIRA; EIZIRICK, 1994, p. 5).

Advertem, contudo, que reconhecer a complexidade da inteligência humana, constituída pelos conhecimentos intuitivo, sensível, intelectual e imaginário, não carrega consigo a premissa de que as investigações com o olhar do imaginário social se apresentam como um novo paradigma para as pesquisas em educação e sim “como um novo olhar sobre os sentidos que a educação e a escola vêm assumindo em nossa sociedade” (FERREIRA; EIZIRICK, 1994, p. 5).

Pesquisar com enfoque no imaginário social não significa negação à razão, o que se propõe é a sua superação e, conseqüentemente, a ruptura com os pressupostos da validação de raciocínios próprios da tradição positivista. A ciência calcada nesses princípios não consegue apreender os sentidos que circulam no imaginário social.

Entendo que o imaginário atua como uma estrutura na mobilidade de uma teia simbólica, e que em seus fios estão entrelaçados e neles circulam os diversos sentidos. Como uma teia simbólica, o imaginário social diz respeito a

[...] práticas sociais em que se dialetizam processos de entendimento e de fabulação de crenças e de ritualizações. Produções de sentido que circulam na sociedade e que permitem a regulação de comportamentos, de identificação, de distribuição de papéis sociais (FERREIRA; EIZIRICK, 1994, p. 7).

Como produção discursiva, o imaginário social

fala mediante as linguagens religiosa, filosófica, política, arquitetônica. Nessas linguagens mais diversas, onde estão presentes a metáfora e a metonímia, apreende-se a dimensão retórica das palavras e das coisas, das imagens e dos gestos. Cores, sons, gestos, sinais como signos de uma coletividade nos remetem aos múltiplos efeitos de sentidos...os corpos, os objetos falam, têm suas lógicas próprias de sedução na medida em que são produções sociais (FERREIRA; EIZIRICK, 1994, p. 8).

Desta forma, pesquisar no campo do imaginário social, na busca de sentidos de corpo para jovens, pode ajudar a compreender os processos que conseguem inculcar determinados valores como verdadeiros e também os mecanismos engendrados pelos agentes sociais para resistir e enfrentar as barreiras impostas por esse imaginário. Isso se faz importante porque

o imaginário social não é a soma, nem tampouco a justaposição de aspirações coletivas. Como um sistema simbólico, o imaginário social reflete práticas sociais em que se dialetizam processos de entendimento e de fabulações de crenças e ritualizações. Produções de sentidos que circulam na sociedade e que permitem a regulação de comportamentos, de identificação, de distribuição de papéis sociais. Isso é vivido de tal forma pelos agentes sociais que passa representar para o grupo o valor de verdadeiro (FERREIRA; EIZIRICK, 1994, p. 6-7).

A importância e a amplitude dessa teia simbólica são reafirmadas pelas autoras quando reconhecem que

toda sociedade conta com um sistema de representações cujos sentidos traduzem um sistema de crenças que em última instância, legitima a ordem social vigente. Trata-se de uma complexa rede de sentidos que circula, cria e recria, instituindo/instituindo-se na luta pela hegemonia (FERREIRA; EIZIRICK, 1994, p. 6),

e ainda que o imaginário é como um encontro de diversos elementos simbólicos, que as autoras chamam de amálgama. Dessa forma, dizem que o imaginário funda, institui, irrompe, pela história e cultura, os elementos que constituem as experiências vividas individual e coletivamente pelos atores sociais.

Essa rede de sentidos matriza, sob diversos aspectos, a conduta coletiva, na medida em que valores, normas e interdições, como códigos coletivos, são internalizados, apropriados pelos agentes sociais. Códigos que exprimem as necessidades, os interesses, os desejos, as expectativas desses agentes. Eles apontam para além de suas necessidades objetivas: falam dos desejos e fantasias que conferem aos objetos, às imagens, às próprias relações, dupla dimensão: real e imaginária (FERREIRA; EIZIRICK, 1994, p. 7).

Entretanto chamo a atenção para uma forma de raciocínio linear que poderia supor que o imaginário carrega em sua essência a capacidade de por si só criar e significar a realidade social. Visto dessa forma, o imaginário em nada poderia contribuir para as questões que se colocam como fundamentais e necessárias para essa pesquisa. Nesse sentido, chama a atenção Pierre Ansart (1978):

Que se erga o Imaginário Social em simples linguagem obedecendo às suas próprias leis, ou em instância epifenomenal, ou, pelo contrário, em força de dominação imposta a sujeitos alienados e se terá desconhecido essa dimensão prévia que é a imanência dos significados na prática social e essa urgência para a efetuação de uma atividade comum do estabelecimento e da interiorização de uma estrutura dos sentidos (p. 22).

Todas essas considerações permitem-me dizer que o imaginário social dos jovens, atores sociais dessa pesquisa, reflete, portanto, as imagens que dizem respeito a seus desejos e necessidades, sem, contudo, desconsiderar as formas de

organização e produção dos sentidos que criam esses desejos e necessidades, sem relativizar as formas de inculcamento e, tampouco, acreditar ingenuamente que não há mecanismos de resistências que determinam um ou outro comportamento.

Explicitar os sentidos de corpo para jovens, na dimensão do imaginário social, é atuar, ainda hoje, em um campo de fronteira, onde é possível valorizar o ontológico, buscando nos próprios jovens o sentido de corpo, efetivando um diálogo com a subjetividade relacionada ao corpo dos jovens em sua vida cotidiana porque, conforme Bazcko (1985), não é possível separar o indivíduo de seus atos, das representações que eles têm de si próprios, pois estas são internalizadas, presentes em sua subjetividade e modelam seus comportamentos e ações.

4- Caminhos Metodológicos

O caminho não está pronto, ele se faz ao andar

A opção por um método de abordagem de uma realidade passa necessariamente por suas características. Sendo o corpo uma realidade social, portanto carregado de significados construídos historicamente, sua forma de abordagem é de natureza qualitativa, que assim se caracteriza sem a pretensão de se opor ao quantitativo, como reza a tradição positivista. Mesmo por que tenho a convicção de que, assim como a realidade social é provida de valores, significados, crenças, sentidos, também é passível de ordenação, correlação e quantificação, características próprias das pesquisas com enfoque quantitativo. Dessa forma, não se trata de dizer que um enfoque é melhor que o outro, e sim de eleger aquele que permite ler melhor o fenômeno abordado.

O corpo, enquanto construção histórica, portanto cultural, para ser apreendido e ter explicitado seus sentidos, exige que sejam ouvidos os discursos do grupo em questão – os jovens. No caso desta pesquisa, optei por um Estudo de Caso, forma encontrada para apreender os diferentes olhares e possibilidades que se encontram na realidade estudada. Assim, o Estudo de Caso “orienta-se por uma crença de que não há uma realidade única compartilhada, mas sim perspectivas diferentes, que são elaboradas a partir de significados que as pessoas constroem sobre suas ações, as situações vividas, os acontecimentos” (FALEIRO, 1998).

Ainda com relação ao Estudo de Caso, Vicente Molina (1999) considera que ele não é em si mesmo uma eleição metodológica e sim a eleição de um objeto a estudar e, em se tratando de estudos qualitativos, deve ser utilizado quando o problema de pesquisa necessita de uma microinvestigação, aqui entendida como

aquela em que há necessidade de verticalização, aprofundamento no estudo do objeto de pesquisa. Dentre as muitas estratégias existentes, optei por três que me permitiram:

1- aproximação e conhecimento de aspectos da realidade de possíveis sujeitos da pesquisa – questionário e entrevista semi-estruturada;

2- busca de informações sobre aspectos previamente definidos que, ao mesmo tempo, permitiu que o informante dissertasse sobre temas de seu interesse, estando ou não relacionado com a pesquisa – entrevista semi-estruturada;

3-busca de complementação de outros aspectos que não foram explicitados na entrevista ou que necessitassem de maior clareza – associação livre;

Não há acaso na escolha dessas estratégias: optei por elas por se mostrarem coerentes com o objeto de estudo e darem conta da forma de abordagem proposta.

Pesquisar com o olhar do imaginário implica, necessariamente, adotar uma multiplicidade de abordagens e tendências, conforme reconhece BAZCKO (1985). Segundo o autor, o campo de investigação do Imaginário Social é de natureza eclética e ainda não possui uma teoria que lhe sirva de suporte, seu caráter pluridisciplinar demonstra a complexidade dos estudos com essa abordagem e não há como conhecê-lo, utilizando-se de procedimentos imediatos. Acrescento a essa idéia o fato de que, no Imaginário Social, na perspectiva aqui adotada,

trabalha-se com a busca do sentido, que, para ser explicitado, necessita-se buscar *o dito e o não dito, o dizível e o indizível...*

As estruturas de sentido dificilmente são compreendidas pelas vias diretas da observação. Significa dizer que o acesso ao universo simbólico se dá por vias indiretas, pelos caminhos sinuosos da linguagem, razão por que as incursões na busca da compreensão do Imaginário Social revelam-se como um mosaico, onde diferentes caminhos são percorridos na busca da elucidação dos sentidos que nele circulam (PEREIRA, 1999, p. 27).

Por se opor às “ortodoxias metodológicas”, como diz Pesavento [199-] , descobrir o mundo simbólico relacionado ao corpo dos jovens se mostrou uma tarefa árdua, ainda que prazerosa, porque

penetrar neste espaço e desvendá-lo exige trabalho metodológico específico, isto é, voltado para a investigação de pequenos indícios reveladores do sentido que cada grupo social atribui a suas vivências cotidianas. São as ‘pistas’ de que nos fala Ginzburg (1980), detalhes que tendemos a ignorar como se comportassem um sentido em si mesmos, mas que se constituem em pequenos elos que ajudam a superar a mera descrição factual em direção a um conhecimento mais profundo da realidade (PESAVENTO, [199-]).

Essas pistas, esses indícios de que fala Ginzburg (1980) foram analisadas através da linguagem - lugar de múltiplas relações. Diz Eni Orlandi (1992) que a linguagem é inseparável das demais práticas sociais, sendo ainda lugar da contradição onde se confrontam imaginários instituídos e instituintes, é lugar da ausência e da presença, do excesso e da falta, onde sempre há algo a ser dito, seja pela história, seja pelo silêncio, que fala, que diz muito, que também possui significado.

O jovem estabelece diferentes relações no mundo em que vive: com o outro, com a família, com o grupo de iguais, consigo mesmo. Essas relações são

permeadas pela infinidade de leituras que ele faz do mundo, sendo absorvidas de acordo com os diferentes grupos sociais aos quais ele está ligado, adquirindo assim significação com múltiplos sentidos, que estão relacionados às representações de corpo que cada sujeito carrega consigo: adentrar essa rede simbólica é aceitar o poder do Imaginário Social. Diante do fenômeno do culto ao corpo, de sua estreita relação com o jovem, e partindo do princípio de que existe um discurso fundante que exacerba a relação corpo/juventude, busquei mergulhar nesse mar de simbolismo, como um desafio e com prazer.

4.1- Estratégias, informantes e pistas: o amálgama da (re) construção da rede de sentidos

O local de abordagem dos informantes desta pesquisa foi o Centro Federal de Educação Tecnológica de Ouro Preto (CEFET Ouro Preto), onde sou professora. A opção pelo 2º ano do Ensino Médio se deveu ao fato de todos os alunos dessa turma estarem dentro da idade estabelecida, ou seja, entre quinze (15) e vinte (20) anos. Em um primeiro momento, apresentei-me como professora de educação física da Escola. Em seguida, dei uma explicação geral sobre os objetivos da pesquisa e seu tema.

Foram aplicados trinta e quatro (34) questionários aos alunos e desse total trinta (30) foram respondidos. Um grupo de quatro (4) alunos, ao verem o teor das perguntas, desinteressaram-se em participar. Perguntaram se eram obrigados a

responder e, ao receberem resposta negativa, pediram licença para se retirarem. Foram prontamente atendidos e tiveram a suposta razão para sua saída revelada pelos demais colegas: eles tinham um “ranca” marcado para aquele horário. “Ranca” é a forma com que esses jovens se referem à prática esportiva em geral, que acontece praticamente o dia inteiro nas quadras do CEFET.

Conforme dito anteriormente, a aproximação com o universo de pesquisa foi facilitada pelo uso do questionário, que justificou ainda por ser uma técnica que permitiu um número maior de questões aplicadas a um número grande de possíveis informantes. As perguntas buscaram caracterizar os sujeitos de acordo com as questões orientadoras da pesquisa. A utilização dessa técnica objetivou, sobretudo “o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas, etc.”, conforme Antônio Carlos Gil (1999, p. 128).

Com relação às vantagens e desvantagens, aos limites e tipos de questões e a como utilizar as informações obtidas, os trabalhos de GIL (1999) e Vicente Molina Neto e Augusto Triviños (2000) foram meu suporte.

Ainda que tradicionalmente a técnica do questionário não seja utilizada em pesquisas do imaginário, optei por ela, que, além dos motivos expostos, mostrou-se rica no que diz respeito à caracterização dos informantes e ao conhecimento de algumas crenças e hábitos que parecem orientar algumas condutas desses atores sociais. Dessa forma, eles se declararam, mas a forma como vou revelá-los está em sintonia com o olhar com que me dirigi aos dados.

Do total de informantes, dezoito (18) são nascidos em Ouro Preto, dez (10) são de cidades vizinhas de mesmo porte, ou seja, cidades pequenas, típicas do interior. Apenas um (01) informante é de Belo Horizonte, e outro é de Cataguases, bem distante de Ouro Preto. A distribuição da idade ficou da seguinte forma: um (01) aluno com quinze (15) anos; quatorze (14) alunos com dezesseis (16) anos; oito (08) alunos com dezessete (17) anos; três (03) alunos com dezoito (18) anos; dois (02) alunos com dezenove (19) anos e dois (02) alunos com vinte (20) anos. A maior parte se declarou católico, praticante ou não, apenas um (01) disse que é espírita e dois (02) disseram não terem religião.

Com relação às práticas corporais, solicitei que não considerassem a educação física, uma vez que todos são obrigados a fazerem aulas e nenhum deles é inapto. Dessa forma, cheguei aos seguintes dados: dos trinta (30) informantes, apenas quatro (04) freqüentam clube, sete (07) freqüentam academia e cinco (05) fazem outras atividades – dois (02) jogadores de futebol de campo em time de bairro, um (01) pratica “skate” “onde der”, um (01) faz ioga e um (01) joga handebol para a equipe da cidade. Além disso, quatorze (14) informantes revelaram não fazerem nenhuma atividade física. Esses dados estão na contramão das insistentes chamadas e demandas do mundo moderno, que nos convida a todos, e o tempo todo, para sair da inércia através do lema “movimente-se”.

De maneira geral e sem haver recorrência em uma só questão, as seguintes respostas forma encontradas: uns se sentem impossibilitados de freqüentar tais locais por questões financeiras; alguns alegaram falta de tempo por

estudarem em uma escola reconhecidamente com alto grau de exigência e, conseqüentemente, com índice alto de reprovação; outros disseram não gostar de fazer atividade física e os demais consideram suficiente freqüentar as aulas de Educação Física.

Em outro momento, disseram que, quando fazem atividade física, gostam de fazê-lo de maneira coletiva, por ser mais prazeroso, cultivarem amizades, distraírem-se e por amor ao esporte.

Para cuidar do corpo, disseram em geral, que fazem atividade física e cuidam da alimentação. Apenas dois (02) responderam fora do eixo atividade física – alimentação: disseram que escovam os dentes.

Perguntados se estavam satisfeitos com seus corpos, deram respostas que ficaram divididas mais uma vez em dois grupos: daqueles que estão satisfeitos e acham que seus corpos atendem aos padrões, são saudáveis ou os satisfazem, e daqueles que não estão satisfeitos, pois se acham acima do peso ou magros demais. Nos dois casos, tanto meninos quanto meninas assim responderam.

Outra questão levantada dizia respeito ao tempo livre, mais especificamente se liam, o que liam e, se viam televisão, a que assistiam. Alguns disseram que lêem revistas próprias do universo juvenil: Capricho, “Todateen”, revistas especializadas em games, etc. Com relação a livros, limitam suas leituras às solicitadas pelos professores em geral, e, em especial, pelo professor de Língua Portuguesa e Literatura. Quanto a programas de televisão, a novela “Malhação” apareceu em vinte e três (23) respostas e “Caldeirão do Huck” em dezesseis (16)

respostas. Outros programas citados foram: “Altas Horas”, “Atitude.com”, “Clipmania”, “Sob Controle”, programas esportivos em geral. Apenas dois (02) informantes disseram não assistirem à televisão.

Mesmo não tratando meus informantes na perspectiva de um grupo formado e fechado, não pude deixar de perceber o quanto eles têm em comum e como são “gritantes” suas afinidades.

As respostas encontradas aqui revelaram novas verdades, e não tive a pretensão de torná-las absolutas, tampouco as percebi de forma muito relativa. Além das surpresas que algumas vezes geraram insegurança, tomei consciência da imprevisibilidade que emana do ato de pesquisar.

Assim, após compreender os dados oriundos dos questionários, parti para a entrevista semi-estruturada. Com essa técnica, mergulhei de forma mais intensa no universo simbólico dos jovens em questão.

Considerando o objetivo da pesquisa, que é explicitar os sentidos de corpo presentes no imaginário de jovens, as perguntas da entrevista semi-estruturada foram elaboradas a partir das informações colhidas no questionário e também de categorias consideradas reveladoras do dizer social sobre o corpo, restringindo-se às questões mais evidentes que se reproduzem no discurso do senso comum, quais sejam: corpo bonito, corpo feio, intervenção no corpo.

A entrevista semi-estruturada, de caráter não diretivo, teve também a tentativa de deslocar o sujeito de seu papel social, evitando o acordo de fala que, segundo Eni Orlandi (2001), se estabelece entre locutor e interlocutor. Por se tratar de pesquisa no campo do Imaginário Social, tive como pressuposto a necessidade de perguntar de forma indireta o que pretendi identificar e compreender. Com a entrevista semi-estruturada, consegui obter informações de questões previamente definidas e simultaneamente, permiti que os informantes falassem sobre temas ou aspectos de seu interesse que estavam ou não relacionados com a pesquisa. Algumas questões foram construídas para que os informantes se colocassem na condição de decidir o que seria considerado, se isso dependesse deles: corpo feio e bonito. Outras questões foram construídas para dar visibilidade à concepção deles sobre esses aspectos. Mesmo não havendo hierarquia entre as questões, penso que as primeiras – aquelas em que os informantes/sujeitos têm o poder de decidir acerca de corpo bonito, corpo feio e intervenção se mostraram mais significativas no que diz respeito a “dar voz” ao sujeito deslocado de seu papel social.

Em nenhum momento, tive a pretensão de formar grupos, reunir por tipologia, raça ou religião. Também não excluí informantes previamente, ou os incluí posteriormente. Minhas escolhas se basearam em jovens de ambos os sexos, estudantes da mesma escola e que estivessem dispostos a colaborar. Como nas pesquisas em Imaginário Social ficamos atentos às regularidades dos discursos, optei por entrevistar ora um menino, ora uma menina.

Foram feitas dez (10) entrevistas, sendo cinco (05) com informantes do sexo feminino e cinco (05) com informantes do sexo masculino. Desde o princípio, pensei que o grupo deveria ser formado de maneira equilibrada por sujeitos do sexo masculino e feminino apenas para buscar diminuir a interferência de variações de gênero. Fiz dessa forma, consciente de que existem estereótipos sociais com relação ao que se espera de cada um, bem como a reação de cada um deles às mudanças corporais, que são diferentes e estão de acordo, na maioria das vezes, com o comportamento adequado socialmente. Portanto, busquei apreender os sentidos de corpo para jovens de ambos os sexos, mas não por considerar que um grupo era mais significativo que o outro. Fiz essa ressalva somente por compreender que esse poderia ser um dado importante na pesquisa.

Quando atingi um total de dez (10) entrevistados, percebi regularidade nos discursos e parei as entrevistas. Não posso, contudo, deixar de reconhecer a riqueza que cada informante não entrevistado traria para a pesquisa. Seja pelo somatório à regularidade, seja pela peculiaridade de suas falas e seus silêncios que, com toda certeza, eu encontraria em seus discursos. Porém, por uma questão de método de pesquisa em Imaginário Social, parei, ao perceber recursividades (regularidades) nos discursos.

As dez (10) entrevistas foram reproduzidas na íntegra, respeitando-se cada silêncio, cada palavra, cada lágrima, da mesma forma que Vera Lúcia de Menezes Costa (1999) quis impregnar-me “do conteúdo, da duração, do ritmo, e da

tonalidade da fala” na busca constante de “captar pistas para interpretação dos discursos” (p. 165-166).

Sendo assim, reconheço as questões de gênero e ainda, que a relação do jovem com o mundo, com a família e com o grupo de iguais varia de acordo com sua classe social e o espaço que vive, conforme estudos de Daniel Becker (1987), bem como certifico-me de que a relação com o corpo, foco central da minha pesquisa, depende também da classe social à qual pertence esse sujeito, a exemplo de Lou Boltanski (1989). Porém, esses aspectos ajudaram-me a caracterizar a realidade, não assumindo, portanto, maior significado do que eles já têm.

Em um terceiro momento, apliquei a técnica da Associação Livre de Idéias, que visou complementar o que não ficou evidenciado na entrevista, em que os mecanismos de defesa são mais aparentes. Atingir os princípios que constituem o universo semântico em questão favorece o surgimento de elementos latentes que seriam escondidos ou mascarados por produções discursivas. “Trata-se de compreender as metáforas que falam do silêncio dos discursos” (COSTA, 1999, p. 180; PERNAMBUCO, 1998, p. 43).

A associação livre consiste em solicitar ao informante que fale o que lhe ocorre a partir de palavra ou expressão indutora. No caso dessa pesquisa, optei por considerar a idéia prontamente lembrada e analisar aquelas de maior frequência coletiva, sem, contudo, deixar de considerar as associações incomuns ao grupo, ou de natureza individual. As expressões indutoras utilizadas foram **corpo perfeito, o seu corpo, corpo bonito, corpo feio, corpo alto, corpo baixo, corpo gordo,**

corpo tatuado. Essas expressões revelam idéias encontradas em conversas informais e na entrevista, corroborando a idéia de que tanto as induções quanto as associações estão em sintonia com o universo dos jovens em questão.

A associação livre de idéias soma aos estudos, com o enfoque no imaginário, a subjetividade dos atores sociais em relação a aspectos pouco evidenciados na entrevista, dando maior ênfase ao silêncio, ao não dito com relação ao corpo. É uma forma de entender as metáforas que “falam do silêncio no discurso”, conforme Costa (1999, p. 180).

A partir das expressões indutoras e considerando as regularidades e a freqüência de natureza coletiva, chamou-me a atenção o fato de que os sentidos de corpo se apresentaram com duas fortes marcas: bonito e feio, mesmo quando essas não eram as palavras indutoras. Pensar o corpo bonito é pensar no magro e “sarado”; pensar o corpo feio é pensar no gordo e em alguns casos no magro. Dentre as associações comuns, evidenciaram-se dois grupos de idéias em torno do sentido de que o que é bonito pode ser conquistado e o que é feio é por falta de interesse ou relaxamento. Com relação ao corpo perfeito, há um lugar comum que remete para o reconhecimento da ditadura do corpo e a dificuldade de se chegar lá. De maneira significativa, personificando a perfeição, a modelo Daniela Cicarelli, aparece com freqüência, como ícone da perfeição; seu nome não aparece por mera coincidência, pois é a modelo em maior evidência, no momento, nos meios de comunicação.

Com relação ao corpo alto e baixo, predominou uma certa tolerância a eles, com a condição de que sejam proporcionais. Os sentidos relacionados ao corpo velho e jovem flutuaram entre ter ou não ter energia para fazer atividades em geral, mas com o reconhecimento de que alguns “velhos” têm mais energia que muitos jovens. O corpo tatuado suscitou nos jovens sentimentos de aceitação e rejeição, sendo a última com maior regularidade.

Quando agrupei as associações comuns, percebi que elas giravam em torno da adjetivação que passou pelo bonito e feio. A única exceção diz respeito à expressão “seu corpo”, onde a grande maioria demonstrou satisfação por considera-lo perfeito ou parecido consigo.

A análise feita remete diretamente aos sentidos explicitados na entrevista e questionário. Os resultados encontrados serão concomitantemente utilizados com a entrevista e o questionário, visando a recompor o mosaico em que cada técnica utilizada é importante e fundamental para explicitação e compreensão dos sentidos de corpo para jovens.

Além disso, de maneira direta, via questionário, ou de maneira indireta via entrevista e associação livre, procurei conhecer a percepção estética, aqui utilizado em seu sentido restrito, dos informantes acerca de seu próprio corpo, onde poderiam estar calcados os valores explicitados por eles e a forma como eles vivem suas condições corporais. Penso que a abertura para esses propósitos, mesmo não sendo objetivo da pesquisa, permitiu-me escutar com maior sensibilidade o dizer sobre corpo desses jovens atores sociais.

Percorrer os caminhos do Imaginário na tentativa de explicitar sentidos, significou buscar *o dito e o não dito, o dizível e o indizível* na linguagem, que é lugar de *múltiplas relações*. Ou como nas palavras de Nilda Teves Ferreira (1994, p. 8) “apreender seus sentidos significa percorrer caminhos sinuosos, na busca de ‘decifração’ daquilo que se mostra ocultando”.

O questionário, entrevistas e associações livres ocorreram em local adequado, conforme orientam os manuais e livros de metodologia da pesquisa. Optei por fazer a pesquisa dentro do CEFET, em uma sala pertencente à Área de Educação Física, com mesa, cadeira, água, silêncio; enfim, tentei criar uma atmosfera agradável e ao mesmo tempo familiar aos informantes. O uso de gravador foi solicitado e aceito por todos. Apenas o questionário foi aplicado de maneira coletiva (os demais foram individuais). Quando se tratou de informante com idade menor que 18 anos, uma permissão, por escrito, foi solicitada aos pais ou responsáveis, para evitarem-se problemas de ordem legal.

Após a transcrição das fitas, fiz a “checagem pelos participantes”. Gostaria de destacar o caráter redutor que o ato de transcrever as entrevistas impôs à pesquisa, apesar do meu esforço em ser fiel à fala dos informantes. Tive que recorrer várias vezes ao material gravado, como uma forma de (re) construir e compreender as diferentes dimensões dos discursos dos jovens participantes.

Em suma, os alunos foram receptivos à proposta e todas as etapas da coleta de dados transcorreram de maneira tranqüila. Penso que, pelo fato ser comum à vida desses jovens, o tema favoreceu para que eles se colocassem como

sujeitos de seu próprio discurso, que se desenvolveu de forma tranqüila, às vezes com lágrimas, em outros momentos com interrupção ou mudança brusca de assunto. Mas em quaisquer das situações, eles demonstraram muita habilidade em se fazer entender. Ora refazendo a fala, na tentativa de conferir maior credibilidade ao que diziam, ora exemplificando com fatos do dia-a-dia, tentando demonstrar que são jovens "antenados". Além de garantir-lhes anonimato, solicitei-lhes que indicassem um pseudônimo pelo qual gostariam de ficar conhecidos na publicação da pesquisa. Dessa forma, cheguei a lá, Churrasco, Marcos, Cecília, Clara, Rafael, Sitty, José Manuel, João Henrique e Rafa. Cada qual com seus motivos, cada qual com sua história.

Mapeando os dados encontrados "nesses diferentes caminhos", o que significou no interior desta pesquisa recompor o mosaico, pude inserir-me no contexto de produção discursiva em questão. A análise dos dados é, sem dúvida, uma das fases mais difíceis da pesquisa. "As divergências e dificuldades começam quando se parte da tarefa concreta de análise do material coletado, ou seja, da escolha do método", salienta Maria Cecília Minayo (1996, p. 198).

4.2- O método de análise e a constituição do *corpus* analítico

Há muitas possibilidades de análise postas na literatura: análise do texto do ponto de vista lingüístico, análise de conteúdo, hermenêutica e a análise de

discurso que considera, entre outras coisas, as condições de produção do texto. A eleita nesta pesquisa é a análise de discurso na perspectiva de Eni Orlandi (1992; 1994; 2001; 2001a; 2002; 2002a). A autora diz que “no discurso, o mundo é apreendido, trabalhado pela linguagem, e cabe ao analista procurar apreender a construção discursiva dos referentes” (ORLANDI, 1994, p. 56).

Para Michel Pêcheux (1997), o discurso é definido como a realização dos sentidos entre sujeitos interlocutores, em cuja relação percebem-se os efeitos da historicidade. Considerando dessa forma, a análise de discurso não está preocupada com a língua ou com a gramática, embora esses tópicos sejam de seu interesse, ela discorre sobre o discurso. A filosofia contemporânea considera que o discurso vai além do simples texto, ele é o local de formação do significado “em que se estabelece a rede de relações semânticas com a visão de mundo que pressupõe” (JAPIASSU; MARCONDES, 1997, p. 74).

Percebendo o discurso como a palavra em movimento, a análise de discurso entende a linguagem como mediação (o discurso) entre o homem e a realidade. Dessa forma, o discurso “torna possível tanto a permanência e a continuidade quanto o deslocamento e a transformação do homem e da realidade em que vive. O trabalho simbólico do discurso está na base da produção da existência humana” (ORLANDI, 2002, p. 15).

Para Orlandi (2002), o Imaginário é produzido nas interações, nas relações e argumentações discursivas, sendo a multiplicidade de sentidos possíveis em todos os discursos e inerentes à linguagem. Para ela, o sentido é uma “relação

determinada do sujeito afetado pela língua - com a história. É o gesto de interpretação que realiza essa relação da língua com a exterioridade”. Dessa forma conclui que, assim como não há discurso sem sujeito, não existe sujeito sem ideologia. (p. 47) .

Penetrar esses discursos passou também pela leitura e releitura dos textos. Seguindo a orientação de Nilda Teves Ferreira, iniciei a construção do *corpus* de análise, colocando todas as respostas das entrevistas de cada questão uma após a outra. Esse procedimento permitiu uma melhor visualização de todas as respostas e possibilitou o destaque das regularidades enunciativas, tendo sido chamado de Recorte Vertical. A essas respostas agreguei informações colhidas no questionário e associação livre de idéias. Em seguida, construí um quadro, chamado de Recorte Horizontal, onde estão em evidência somente as respostas comuns – regularidades, recorrências e recursividades dos discursos – de todos os informantes e em todos os momentos da coleta de dados.

Eni Orlandi (2002) diz que a constituição do *corpus* de análise é um dos primeiros pontos a considerar, pois segue critérios teóricos e não empíricos de cunho positivista. Ao proceder dessa forma, não pretendi chegar à exaustão ou à totalidade do objeto empírico, pois ele é inesgotável. A autora diz ainda que “todo discurso se estabelece na relação com um discurso anterior e aponta para outro. Não há discurso fechado em si mesmo, mas um processo discursivo do qual se podem recortar e analisar estados diferentes” (p. 62). Esse pressuposto sinaliza para uma das principais características do discurso: a incompletude, que não deve

ser vista como algo que não é inteiro, mas em “relação a algo que não se fecha” (ORLANDI, 2001, p. 11).

Estou consciente de que, ao decidir o que faz parte de um *corpus*, remeto-me às propriedades discursivas do texto que, em sintonia com o método, os procedimentos e a análise – tudo isso regido pela responsabilidade teórica, objetivou mostrar como o discurso desses jovens funcionou, produzindo sentidos.

A trajetória de análise foi construída pela materialidade lingüística e histórica do discurso. O que não quer dizer que, nas incursões que fiz, não elegi prioritariamente um ou outro ponto de análise. A análise aconteceu a partir do discurso, mas não se ateve somente a ele, buscou o processo discursivo, para chegar à historicidade da língua e assim entender como aquele discurso produz efeito de sentidos.

Em se tratando da natureza da análise, não posso dizer que ela foi objetiva, tampouco totalmente subjetiva. Busquei um olhar que fosse o menos subjetivo possível, para dessa forma tornar claro, explicitar os sentidos de corpo e suas formas de produção. Tratado assim, o *corpus* já se mostrou de uma certa forma de-superficializado. Esse processo iniciou-se com a análise da “materialidade lingüística”, ou seja, o que é dito, por quem é dito, em que contexto diz ou como diz (ORLANDI, 2002).

Para dar conta da análise, Orlandi (2002) propõe que o analista passe por atitude de esquecimento. Ao proceder dessa forma, busca-se desfazer a impressão de que o que é dito só pode ser dito daquela maneira. Esse

deslocamento do *corpus* bruto para um objeto teórico foi a primeira etapa de análise praticada pelo dispositivo analítico. Sem perder de vista que o processo de análise demanda um movimento constante entre teoria, *corpus* e análise, o segundo passo foi compreender o processo discursivo, que passa pelo delineamento das formações discursivas e sua relação com a ideologia. A esse respeito, diz a autora, que “o trabalho do analista é percorrer a via pela qual a ordem do discurso se materializa na estruturação do texto (e da língua na ideologia)” (p.65).

Entendido assim, significa ter clareza de que, no discurso e no funcionamento discursivo, não se encontram presentes somente os interlocutores, mas também a formação ideológica e a relação que cada interlocutor mantém com ela (a ideologia). A ideologia não é consciente : “ela é efeito da relação do sujeito com a língua e com a história em sua necessidade conjunta” (ORLANDI, 2001, p. 100).

Nessa perspectiva, a análise de discurso atuou como um elo entre a linguagem e o social. Sendo *a linguagem lugar de múltiplas relações*, é base das formações imaginárias que se edificam nas relações sociais. As formações discursivas são caracterizadas por marcas, que são construídas em função do lugar social que cada um ocupa. Assim, a formação discursiva de um jovem morador de Coronel Fabriciano, em relação ao corpo, tende a ser diferente a de um morador de Ouro Preto, por exemplo.

Pensar discursivamente a linguagem implica assumir a dificuldade de estabelecer com exatidão os limites entre o mesmo e o diferente, e, dessa forma,

considerar que todo o funcionamento da linguagem se situa na tensão entre a paráfrase e a polissemia: pela paráfrase temos o dito e a memória (estabilização); pela polissemia, o movimento e a ruptura (equivoco). Esses princípios trabalham de maneira contínua o discurso, num jogo entre o mesmo e o diferente, entre o que já foi dito e o que vai se dizer. É nesse jogo que os sujeitos se movimentam e os sentidos circulam, construindo seus percursos e (se) significando.

Se o real da língua não fosse sujeito à falha e o real da história não fosse possível de ruptura não haveria transformação, não haveria movimento possível, nem dos sujeitos, nem dos sentidos. É porque a língua é sujeita ao equivoco e a ideologia é um ritual com falhas que o sujeito ao se significar, se significa. Por isso dizemos que a incompletude é condição da linguagem: nem os sujeitos, nem os sentidos, logo, nem o discurso, já estão prontos e acabados. Eles estão sempre se fazendo, havendo um trabalho contínuo, um movimento constante do simbólico e da história. É condição de existência dos sujeitos e dos sentidos: constituírem-se na relação tensa entre paráfrase e polissemia. Daí dizemos que os sentidos e os sujeitos sempre podem ser outros. Todavia, nem sempre o são. Depende de como são afetados pela língua, de como se inscrevem na história. Depende de como trabalham e são trabalhados pelo jogo entre paráfrase e polissemia (ORLANDI, 2002, p. 37).

A autora considera ainda a necessidade de distinguir criatividade e produtividade. A perspectiva técnica da criação é a produtividade, é a repetição de processos já sedimentados, mantém o homem num inalterável *retorno ao mesmo espaço dizível: a paráfrase*, enquanto a criatividade implica ruptura, suscitando o diferente, aproximando-se da polissemia. Por isto a paráfrase é considerada na lingüística a “matriz do sentido”, e, na perspectiva da análise de discurso, a polissemia é a “fonte do sentido, uma vez que é a própria condição de existência da linguagem” (ORLANDI, 2001a, p. 137).

Outra reflexão necessária para a análise proposta diz respeito ao silêncio que também significa. Na perspectiva de que no silêncio não há ausência de sentido, Eni Orlandi (2002a) propõe uma forma ímpar de interpretá-lo, de destacar sua especificidade. Ela reflete acerca do silêncio calcada nas seguintes considerações:

Pensar o silêncio é um esforço contra a hegemonia do formalismo [...] pensar o silêncio representa um esforço contra o positivismo na observação dos fatos da linguagem [...] pensar o silêncio é problematizar as noções de linearidade, literalidade, completude [...] pensar o silêncio é colocar questões a propósito dos limites de dialogia. Pensar o silêncio nos limites da dialogia é pensar a relação com o outro, como sendo relação contraditória [...] pensar o silêncio em sua especificidade significativa é problematizar palavras como 'representação', 'interpretação' [...] pensar o silêncio é traçar um limite à redução da significação ao paradigma da linguagem verbal. Isto significa propor uma decentração do verbal (p. 46-51).

A multiplicidade de sentidos é algo inerente à linguagem, afirma Orlandi (2001a). Além disto, todos os sentidos são viáveis no discurso, e em algumas situações prevalece um deles, que se afirma, ganhando legitimidade e prestígio, e se define por tendência, sendo chamado de *sentido oficial*, *sentido literal*. A dominância pressupõe que não há hierarquia entre eles e que não se perde a relação com outros sentidos. A autora propõe uma tipologia que se organiza a partir dos critérios de polissemia e interação. Ela considera os tipos de discurso como “cristalizações de funcionamentos discursivos distintos: o discurso lúdico, o autoritário e o polêmico”. A autora segue dizendo que um critério para reconhecer qual discurso está em maior evidência é o seu caráter de reversibilidade, ou seja, a troca de papéis entre locutor e ouvinte. No discurso autoritário, há o estancamento

da reversibilidade; o lúdico vive dela; e no polêmico, a reversibilidade depende de algumas condições (p. 131).

Orlandi (2002) alerta que o entendimento de lúdico, autoritário e polêmico não devem ser tomados no sentido usual dessas palavras, tampouco como forma de juízo de valor acerca do locutor. Deve-se considerar essa tipologia como uma forma de “descrição do funcionamento discursivo em relação às suas determinações histórico-sociais e ideológicas”. Chama atenção ainda para o fato de que não existe um discurso puramente polêmico, por exemplo. O que se pode dizer é que há um discurso com tendência a, ou com dominância de. Conclui que um discurso é autoritário quando tende para a paráfrase ou monossemia, há um agente único de discurso que busca estabelecer um sentido único; é lúdico quando tende para a polissemia, há ruptura; é polêmico quando “se divide” entre polissemia (diferente) e paráfrase (igual), há disputa pela verdade entre os interlocutores. Essas caracterizações evitam rótulos relacionados à “carga ideológica” que cada palavra carrega (p. 87-88).

Embasada nessas reflexões, construí minha análise que apresento a seguir.

5- Dando Voz aos Atores Sociais: Reconstituindo o Mosaico

O pesquisador não é aquele que colhe a verdade pronta no mundo. Ele é um eterno desconfiado, pronto para decifrar os sinais, os gestos, as hesitações, enfim, as lacunas do discurso consciente que denunciam o oculto

A experiência de “dar voz aos atores sociais” visto em seu sentido mais amplo foi extremamente gratificante. Ouvir o que esses jovens tinham a dizer sobre o corpo possibilitou a busca incansável de explicitar e compreender os sentidos que circulam no imaginário do grupo em questão. Mas, dar voz a esses atores na busca dos sentidos que permeiam suas ações, não significou acolher a primeira resposta, pois ela podia estar mascarada. Ouvir não significou descartar o óbvio porque o sentido podia estar na obviedade. Ler nas entrelinhas não foi necessariamente o

caminho, uma vez que o sentido que se procura poderia estar em outro lugar. Acolher essas incertezas é um passo importante. Fundamental também é saber que, como diz Orlandi (2002, p. 35), “embora se realizem em nós, os sentidos apenas se representam como se originando em nós: eles são determinados pela maneira como nos inscrevemos na língua e na história e é por isto que significam e não pela nossa vontade”.

A autora segue esclarecendo que pensar dessa forma não carrega a idéia de que não há singularidade, na forma como a língua e a história nos afetam. Mas, apesar dessa singularidade os discursos não se originam em nós (ORLANDI, 2002).

O sentido pode significar pelo oculto ou pela clareza, pelo indizível ou pelo dizível ou pelo silêncio. Explicitar os sentidos se faz pelos “caminhos sinuosos” da linguagem.

Nesse caso, e conforme orientação de Eni Orlandi (2002), a superfície lingüística, que diz respeito ao material bruto coletado e o objeto discursivo, que é a organização feita no material coletado, é o primeiro passo na busca de colocar “o dito em relação ao não dito, o que o sujeito diz em um lugar com o que é dito em outro lugar, o que é dito de um modo com o que é dito de outro, procurando ouvir, naquilo que o sujeito diz, aquilo que ele não diz, mas que constitui igualmente os sentidos de suas palavras” (p. 59).

Partindo desses pressupostos, à medida que me “impregnava” dos discursos dos jovens, via questionários, entrevistas e associações livres, mergulhei

na construção do *corpus* de análise. Dessa forma foi possível perceber certas recorrências nas falas, que ora apontavam para a valorização do corpo, ora apontavam para sua depreciação; em outros momentos, simplesmente o desconsideravam em detrimento da mente ou desejavam sua liberdade.

Assim, considerei as falas dos jovens dividindo-as em três momentos para análise: Corpo (des) Valorizado, Corpo Negado, Corpo Libertário, para tudo que diz respeito à valorização, desvalorização, depreciação e necessidade de libertação do corpo. Todo esse movimento foi feito sem perder de vista que os “sentidos não brotam das palavras” (Orlandi, 2001, p. 99), mas é a “inscrição da história na língua que faz com que ela signifique” (Orlandi, 1994:53).

Com esse mergulho mais direcionado, busquei pistas para explicitar os sentidos de corpo que circulam no imaginário social desses jovens, ou seja, parti em busca dos dizeres acerca do corpo para o grupo em questão. Analisando as falas, percebi algumas marcas lingüísticas que representavam uma rede de significações, campo de irrupção do Imaginário Social, as quais se manifestaram como um emaranhado de sentidos que se confundiam e se misturavam. Havendo essa estreita relação entre elas, só foi possível separar por tópicos, como proponho a seguir, para efeito de análise.

Assim, o enfoque “Sentido de Corpo (des) Valorizado” compõe-se de duas análises, a saber: “Bonito é ser sarado – o corpo valorizado” diz respeito à cultura do músculo e “Os gordos que perdoem, mas ser sarado é fundamental – o corpo desvalorizado” reflete sobre a atual aversão à gordura corporal. No enfoque

“Sentido de corpo negado”, falo sobre a hierarquização da mente e do rosto em relação ao corpo, tendo sido chamado de “Mente, rosto, depois o corpo – o corpo secundarizado”. E o enfoque “Sentido de corpo libertário” versa sobre “O desejo de ser Zaratustra – o corpo libertário” que diz respeito à tentativa de libertar o corpo das amarras às quais ele está aprisionado.

5.1- Sentido de Corpo (des) Valorizado

5.1.1- Bonito é ser sarado – O corpo valorizado

A concepção filosófica de valor, em seu sentido de positividade, está relacionada àquilo que é bom, útil e que se destaca (JAPIASSU; MARCONDES, 1996, p. 268). No contexto da pesquisa, observei que os jovens participantes tendem a valorizar o corpo bonito, que aparece como sinônimo de “malhado”, bem trabalhado, muscular, forte, bem definido, “sarado”, em detrimento dos demais dizeres sobre o corpo. Recorrendo às falas, percebi ainda que, dentre outras formas, o corpo “sarado” é compreendido como deixar de ser magro, ser saudável, ser completo e equilibrado. Há um modelo, um padrão construído no tempo, em suas histórias. Ou como disse Jeans-Jacques Courtine (1995) – O músculo passa a ser visto como “um modo de vida”.

“Um corpo bonito é um corpo sadio... com músculos, todo definido”. (João Henrique, 16 anos.)

“O que eu gostaria de mudar no meu corpo era ter mais massa...porque eu sou muito magro”. (Rafael, 19 anos)

Na mesma proporção que se evidencia a aversão à gordura, aparece o amor ao músculo. Courtine (1995) diz que o músculo distingue, “marca”. O músculo “é um dos modos privilegiados de visibilidade do corpo no anonimato urbano das fisionomias” (p. 83). A presença do músculo classifica a beleza, e a sua ausência qualifica o feio.

“Eu acho que o corpo bonito é o corpo muscular e o corpo feio seria o corpo sem massa muscular...tem modelos que são lindas, né. Mas são tão magrinhas, né? Eu não gosto não”. (Churrasco, 17 anos)

A fala de Churrasco expressa, além do imperativo do corpo muscular, a ruptura com a representação de beleza feminina aliada somente à magreza. Ruptura que acontece no contexto dessa pesquisa e que encontra eco nas imagens veiculadas na mídia, conforme relata Chaves (1999) ao pesquisar sobre sentidos que veiculam nas imagens de corpo presentes nas propagandas de televisão.

Em todo conjunto de filmes que serviram de amostra à pesquisa, pode-se notar uma universalização dos modelos de corpo, representados num ideal estético de beleza atrelados ao corpo jovem, saudável, magro quando não malhado, conduzindo os sentidos em direção à formação de uma ideologia (p.105).

A beleza feminina aliada aos músculos bem definidos e não somente à magreza é expressa na fala de Clara, 16 anos:

“Tem muita gente que considera beleza, padrão de beleza, pessoas muito magras, Isso mais na televisão, foto e tal, né? Mas eu acho que no dia-a-dia, se coloca uma pessoa, por exemplo, uma modelo ou uma mulher mais assim, não é malhada, fortuna, mas com os músculos definidos, né? Eu prefiro em qualquer situação, mas as pessoas que geralmente

falam que preferem pessoas magras, se coloca ao vivo ali, duas pessoas comuns, que não seja nem modelo, nem atriz e tal. Eu acho que as pessoas preferem mais as pessoas que têm o corpo malhado e tal do que ser magra simplesmente”.

Ao corpo feminino agora pesa a necessidade de também ser malhado.

Tânia Guimarães Pompeu (1998) chegou também a essa conclusão ao pesquisar sobre “Corpo humano e alienação estética de nosso tempo”. Sua pesquisa foi feita com homens e mulheres em uma academia e em um Centro de Reabilitação Profissional do INSS: em ambos os grupos se evidenciou que “ter um corpo bonito, malhado, no jargão atual das academias de ginástica, é fundamental” (p. 77).

O músculo é o “protagonista do espetáculo contemporâneo”, demandando formas de intervenção no próprio corpo para aquisição e aumento da força, velocidade e resistência, diz Alex Branco Fraga (2000a).

A concepção de que o corpo bonito tem que ser “malhado” é também legitimado no discurso de outro aluno:

“Um corpo bonito seria aquele que tivesse algumas formas definidas...sem aquele aumento exagerado. Sem muita massa muscular. E o corpo feio...ah...seria um corpo não tão definido...um corpo que não foi trabalhado em suas formas” (Marcos, 18 anos).

Para Marcos, a imagem de feio e bonito está atrelada ao trabalho de “algumas formas”. Parece-me que ele elege algumas partes do corpo para serem trabalhadas, configurando-se uma hierarquização de algumas delas. Se na tradição do pensamento ocidental há uma secundarização do corpo em relação à mente, na materialização desse discurso aparece a idéia de que dentro do próprio corpo há

partes que são ainda menos merecedoras de atenção. Além disso, configura-se a idéia de que corpo “sarado/malhado” não é sinônimo de corpo com músculos exagerados. É o rompimento com o músculo visto como espetáculo, que será discutido abaixo, quando tematizarei o “body building”.

Nesse mesmo sentido, Pompeu (1998) chegou à conclusão de que, para os grupos de sua pesquisa, o corpo também deveria “ser trabalhado na medida exata, nem demais, nem de menos, com detalhes especiais para as partes: ‘perna muito grossa, não definir músculo, musculatura rígida, bunda redondinha” (p. 78).

É recorrente na literatura a influência que o fenômeno conhecido como “body building americano” tem sobre a atual fascinação pelo músculo. Não quero dizer com isso que o desejo pelo forte, saudável e jovem seja um fenômeno recente, pelo contrário, percebe-se essa tendência desde os gregos. Porém, é no “body building americano” que esse verdadeiro amor pelo liso, magro, forte, atlético ganha o mundo ocidental em meados do século XX. O resultado disso tudo pode ser traduzido nas palavras de ordem com as quais convivemos hoje: “abaixo a flacidez”, “abaixo a gordura” e tantas outras que poderia listar aqui na tentativa de ilustrar o que vivemos nos dias atuais.

Não é meu objetivo fazer o histórico desse processo de exaltação do músculo. Busquei pistas nos meandros desse fenômeno para compreendê-lo e entender como ele funciona, imprimindo sentido às falas desses jovens. Trata-se de um marco que representa o “boom” dessa visibilidade do músculo que só tem sentido no mundo ocidental.

Nízia Villaça e Fred Góes (1998), ao delinearem “espectro de condições” que viabilizaram o “body building”, afirmam que a evidência do músculo é fruto da “combinação de uma sociedade de consumo afluyente e a ética do trabalho protestante que parecem se refletir em atividades que, paradoxalmente, combinam disciplina e asceticismo, por um lado, e narcisismo e hedonismo, por outro”. Esse “boom” do “body building” na era pós – industrial se deve ao impacto que a sociedade de espetáculos, característica do contemporâneo, incidiu sobre os antigos valores que instrumentalizaram e secundarizavam o corpo (p. 59).

O “body building”, que pode ser traduzido como corpo construído, é um conceito único e de certa forma moderno porque diz respeito à idéia de “corpo vivo como objeto público”. O aparecimento desse objeto ocorre em meio a confluências e divergências de numerosas forças. Keneth Dulton, conhecido com “Sandow”, o magnífico, foi o primeiro “body builder”. A repercussão de seu sucesso veio em detrimento do movimento de cultura física alemã, da possibilidade de exposição do corpo em palcos populares e do surgimento da fotografia como forma de contemplação estética do corpo (p. 60).

Em meio à Depressão Americana, movimentos grevistas, imigração de povos do Sul e do Centro da Europa, típicos dos anos de 1870 e 1890, a cultura física passou a integrar a cultura americana, dando impulso à “cultura visual do músculo masculino”, que não se limita mais às feiras e palcos para o “espetacular”. Com a instituição do concurso de Mister América, Mister Universo e Mister Olympia, renasceu a preocupação com a perfeição corporal. Esse fato repercutiu no cinema,

com filmes épicos de gladiadores, desembocando no reinado de Arnold Schwarzenegger. Configurou-se a reinvenção do “body building” com masculinidade e desempenho de heróis de ficção científica. Do cinema, esse corpo chegou à televisão, jornais e revistas. “O surto hedonista do ‘body building’, que de certa forma prepara o espírito dos anos 60, contém seus paradoxos, aliando prazer pessoal à disciplina implícita na competição”. O movimento histórico que levou uma “sociedade puritana à era do consumo de massa” não é uma estratégia puramente repressiva, muito menos um hedonismo totalmente novo. “Daí a dificuldade que verificamos, na análise da cultura contemporânea do corpo, em discernir o prazer no horizonte da cultura de caráter individualista, na qual a promoção pessoal e a busca de sucesso substituirão os valores morais” (VILLAÇA; GÓES, 1998, p. 62-63).

Esses autores concluem que a difusão da cultura narcísea, que encontra no “body building” maior evidência, revela-se, paradoxalmente, no “boom” das academias de ginásticas e toda sorte de técnicas e produtos que têm como máximas “emagrecer ou emagrecer”, “controle a boca”, “jogo pesado contra a celulite” (p. 63).

Recentemente, a marombeira Feiticeira, Joana Prado, imprimiu sua marca no imaginário feminino brasileiro, através das palavras de ordem que dizia o tempo todo durante a exibição do Programa Casa dos Artistas 2 - “Sai, celulite, desse corpo que não te pertence”, Colaborando para a difusão dessa aversão pela gordura e do amor pelo corpo “sarado”, próprio da cultura do músculo.

Os exemplos dessa cultura são tantos, que se torna desnecessário entrar em maiores detalhes, tanto no que diz respeito à publicidade, ao fenômeno esporte/mídia, nos brinquedos infantis, nas revistas especializadas, ou ainda na “estética gay” e no reinado de Schwarzenegger, alerta Courtine (1995).

Contudo, apesar dessa presença marcante do músculo na sociedade contemporânea, esse processo não se deu sem uma dose de sofrimento, salienta Fraga (2000a): “a robustez muscular, antes de ser vista como uma dádiva frente à fraqueza orgânica e moral, foi tratada como aberração humana...que deveria ficar restrito às feiras de excentricidades humanas, comuns no final do século XIX” (p. 141).

Dessas pontuações, gostaria de destacar o caminho percorrido pelo olhar que é dirigido ao corpo. Da exibição pública nos teatros de rua, passando pelo cinema, chegando à mídia atual, é idéia recorrente na literatura que, ao mesmo tempo que se construiu uma visão de corpo ampliado, o homem tornou-se escravo da aparência. O culto ao corpo atual propaga a idéia de que para ter identidade é preciso apropriar-se do próprio corpo: em um contexto social e histórico que muda com velocidade alucinante, no qual as instituições de produção de identidade (família, trabalho, religião, escola) se encontram debilitadas, fica fácil assimilar essa premissa como verdade absoluta. A busca da identidade parece apontar para a busca da beleza ou pelo menos passa pela possibilidade de sonhar com ela.

Repetida várias vezes pelos informantes, a palavra “bonito/bonita” é entendida aqui como aquele/aquela que possui beleza. Na polissemia da palavra

beleza, percebe-se, além do sentido de algo que se almeja, o sentido de algo que pode ser conquistado. O corpo bonito, sinônimo de “sarado” é alvo de desejo para a maioria desses jovens.

Esse desejo revela, ainda que de forma indireta, a insatisfação com o próprio corpo e a vontade de ter o corpo do outro, que é, comumente, o corpo idealizado pela mídia: belo, jovem, “sarado” e magro, jamais gordo.

Em alguns casos, como nos exemplos abaixo, o desejo pelo corpo “sarado” é dito de outra forma – “um pouquinho mais forte”. Além disso, parece haver uma tentativa de mascarar a realidade, pois, ao dizer que não se preocupam com isso ou que não gostariam de mudar o corpo, os jovens tentam desconsiderar o fato de que seus desejos são frutos de um imperativo social, de uma vontade criada fora e à revelia deles.

“Não é nada que me preocupe muito não, mas ficaria melhor o meu corpo assim, um pouquinho mais forte”. (Rafael, 19 anos).

“A questão é que eu sou magro, né? Um pouco. Mas eu queria só tomar uma massa, alguma coisa assim, pra ficar um pouco forte, mas mudar o meu corpo, não” (João Henrique, 16 anos).

Outro aspecto a ser considerado é de que há uma naturalização do corpo, cuja responsabilidade pode ser atribuída à mídia através da publicidade, conforme estudo de Chaves (1999) : “pode-se perceber que a produção publicitária remete à naturalização de um corpo jovem, bonito e feliz” (p. 5); É passada a idéia de que o corpo padrão está ao alcance de todos.

Considerando então que o desejo pelo corpo do outro não diz respeito a qualquer corpo, mas a um corpo com contornos próprios idealizados;

que adquirir esse corpo depende da vontade de cada um, aliado às inovações tecnológicas, à indústria da moda, aos avanços da cirurgia plástica, às invenções e reinvenções da indústria de cosméticos e nutricional, tudo isso, muitas vezes, em sintonia com o querer daqueles que comandam os meios de produção, fica uma pergunta fundamental: o que fazer diante de tudo isso? Difícil encontrar a resposta. Sem cair na ingenuidade de colocar tudo em uma visão maniqueísta, penso ser necessário começar por procurar resposta em nossa própria concepção de corpo.

Santin (2000), refletindo sobre essa questão, sugere que é fundamental “rever o conhecimento que cada um tem de seu corpo, como traça o perfil de sua corporeidade” e como vive sua “condição corporal”. Essas possibilidades estão, no meu entender, atreladas à necessidade de primeiro compreender o que é corpo para cada um.

5.1.2 - Os gordos que perdoem, mas ser “sarado” é fundamental – O corpo desvalorizado

No sentido de negatividade, encontramos valor como desvalor, desvalorização, que se opõe a bonito, portanto é o feio. Assim como o bonito está para o “sarado”, o feio está para o gordo, quase como se fossem sinônimos. Em todos os discursos se evidencia a negação ao corpo gordo.

“O corpo gordo é de uma pessoa que tem vontade de mudar, mas não tem estímulo” (Clara, 16 anos).

“Eu penso que o corpo bonito é o bem trabalhado, bem esforçado e o corpo gordo não é você quem escolheu, ninguém escolheria ser gordo” (João Henrique, 16 anos).

“O corpo bonito passa a idéia de uma pessoa bem atlética, ativa e o corpo feio é meio disforme” (Rafael, 19 anos).

Percebe-se uma tendência quase cruel de sacrificar o corpo gordo, de considerá-lo um fraco, um despropósito. Esse imaginário tem uma relação forte com a própria origem da palavra.

Segundo Claude Fischer (1995), a etimologia da palavra gordo já evidencia traços negativos. Originária do latim *crassus*, que expressa o sentido de espesso, grosseiro, nasceu *grasso* em italiano, *graisse* em francês, *crasse* e *crass* em inglês. Quanto à palavra *obèse*, ela deriva do particípio passado (*obesus*) de *obedere*, que exprime consumir, devorar, “mas tem o sentido de solapar, erodir”. (p. 79)

Na busca da compreensão do que dá sentido a essa visão de corpo desvalorizado, encontro em Fischer (1995) uma reflexão sobre como funciona o Imaginário Social acerca da gordura e da obesidade nos nossos dias. O autor reflete sobre o caráter maligno e benigno do corpo gordo: a despeito da verdadeira repulsa que sentimos pela gordura, algumas características como simpáticos, alegres, de rosto bonito, fofinhos são comuns nas relações cotidianas. Essas características normalmente convivem com outros adjetivos bem menos simpáticos como balofo, rolha de poço, baleia assassina, casa da banha e uma infinidade de palavras e expressões que não caberiam no momento.

Para os informantes dessa pesquisas, características bem menos grosseiras, mas nem por isso menos significativas, foram atribuídas ao corpo gordo, a saber:

“sem estilo, obeso, gordinho, fofinho, flácido, pneuzinho, desengonçado que manca, barrigudo, descuidado, cheio de corpo”.

O que está por trás dessa verdadeira aversão à gordura ou obsessão pelo “sarado”? Não se trata de simplesmente repugnar a gordura e sim de desejar o liso, o rígido e tudo aquilo que esteja em sintonia com o estilo de vida propagado nos dias atuais. Vivemos uma lipofobia que se insinua nas palavras de Clara, 16 anos:

“O corpo feio é aquele que tem muita barriga, assim...corpo flácido...com gordura localizada. Eu não gosto de jeito nenhum”.

Refletindo acerca do caráter maligno e benigno da obesidade, Fischler (1995) evidencia a forma ambivalente com que a sociedade vê o gordo e os significados sociais que ela atribui a esse corpo – corpulência. Segue no sentido de encontrar pistas para explicar esta “contradição entre a simpatia aparentemente evocada pelos mais cheios de corpo e recusa quase fóbica que parece se manifestar, hoje particularmente, contra a gordura”. Segundo o autor, nem só os amamos, nem só os odiamos, mas “suspeitamos deles”. O principal motivo dessa contradição é porque a imagem do gordo é bastante ambivalente.

[...]essa ambivalência é provavelmente um fato de todos os tempos, talvez universal, e isso por pelo menos uma razão fundamental: através do nosso corpo, em especial da nossa corpulência, passam significados sociais muito profundos. Um dos mais importantes é o seguinte: a corpulência traduz aos olhos de todos a parte da comida que nós nos atribuímos, isto é, simbolicamente, a parte que

tomamos para nós, legitimamente ou não, na distribuição da riqueza social (FISCHLER, 1995, P. 71).

Isso quer dizer que o gordo pode ser visto como aquele que come além de sua parte. Essa é a “metáfora dos vasos comunicantes” que, segundo o autor, já não ilustra mais de forma fiel a distribuição social da gordura no mundo ocidental moderno. Considerando o contexto planetário, o autor acredita que essa metáfora “serve agora constantemente para representar a relação de exploração entre o Norte e o Sul, o mundo rico e o mundo pobre. Ela apresenta invariavelmente um obeso ocidental e esfaimado do terceiro mundo” (FISCHLER, 1995, p. 78).

Penso que essa metáfora traduz, no mundo contemporâneo, a cruel realidade imposta pela má distribuição da riqueza, que tem como consequência à injustiça social, tão combatida nos discursos e tão pouco transformada no contexto social. Essa situação revela uma situação paradoxal: as classes privilegiadas, que com tanta fartura de comida podem se dar ao luxo de simplesmente não comer, viver de dieta.

Mesmo considerando o caráter ambivalente da visão sobre o gordo, concluindo como Fischler (1995), que no passado era preciso ser mais gordo para ser chamado de obeso e mais magro para ser julgado como tal, reconhecendo que a análise do autor situa que a “percepção social da boa corpulência mudou”, o que não quer dizer que nossos “ancestrais amavam a obesidade”, mas que outrora um pouco de gordura já foi considerado sinal de prosperidade e beleza, centrei meu olhar no caráter de malignidade dado ao gordo, ainda que os atores sociais dessa pesquisa, em alguns momentos, tentem mascarar ou minimizar sua dificuldade em

lidar com sua própria “gordura corporal” ou a de outrem. Percebe-se ainda que é preciso muito pouco para se tornar obeso. Há muito desconhecimento do real sentido de alguns termos, como por exemplo “obeso”. Essa confusão fada “determinadas aparências” ao “terreno da doença ou da pobreza”, pedindo emprestada a idéia de Sant’Anna (2002).

“Tudo que eu gostaria de mudar no meu corpo, eu posso mudar, que é tipo, sei lá, só emagrecer. Eu gosto assim! É sim. Mas isso eu posso fazer. Tipo: entrar numa academia. Mas só para emagrecer porque eu gosto do meu corpo. Altura, cor, sei lá, eu gosto”. (José Manuel, 17 anos).

Apesar de ter clareza de que gosta do próprio corpo (ou achar que gosta), ele acredita que precisa emagrecer. Esse desejo não diz respeito a ele e sim a um imperativo social que determina que ele deve emagrecer. Ele sabe até o caminho para se livrar do mal – a academia, o oásis do culto ao corpo, o templo sagrado do corpo moderno. Em outro momento da entrevista, esse mesmo jovem dá pistas do quão ele se sente incomodado com sua gordura corporal, apesar de parecer o contrário. Ele sabe a “fórmula” (ou acha que sabe) que determina que ele está gordo. Mais uma vez nota-se o imperativo que determina as regras para um bom corpo. Perguntado se gostaria de mudar alguma coisa no seu corpo ele responde:

“Acho que sim. Acho que, sei lá! Perder alguns quilos. Só isso. Porque eu tô acima do peso. Eu já vi uma tabela. Eu tenho 1.82 m. Acho que o peso de uma pessoa de 1.82m varia de 67 kg até 87 Kg. Eu tô pesando 89 Kg, então, tipo, seria considerado obeso, acima do peso. Tem que perder alguns quilos, né? Só isso” (José Manuel, 17 anos).

Nota-se, abaixo, outros contornos para gordura corporal e o quanto ela pode marcar uma pessoa:

“O corpo feio é uma pessoa descuidada, gorda, e que mais? Uma pessoa sem estilo...é aquele descuidado, gordo...” (Sitty, 16 anos).

Sua colega acrescenta em tom mais condescendente:

“Na minha opinião, o corpo feio é um corpo gordinho, assim. Que tem uma gordurinha ali, uma em outro lugar, sabe? Acho que é isso” (Cecília, 17 anos).

Esses dizeres sobre o corpo remetem a um sítio de significância, conforme Eni Orlandi, em que o corpo “sarado” é o imperativo social. Se músculo não combina com gordura, “os gordos que perdoem” parece ser a tônica. É nesse sentido que a gordura é indesejada, porque ela é o “avesso do avesso” da boa forma, do corpo “sarado”. Nossa cultura tem por hábito julgar pelas aparências, apesar de também reconhecer e propagar a idéia de que “as aparências enganam”. Pela aparência classifica-se, condena-se e absolve-se. Restando a todos a certeza de que não basta não ser gordo (a), é necessário acima de tudo ser “sarado”, “malhado”, forte, “torneado”, musculoso, para não passar a imagem de relaxado ou ter sua corpulência vista como um defeito, como no discurso abaixo:

“O corpo feio seria uma pessoa que, apesar de conhecer seus defeitos e poder melhorar, não se estimula; não tem estímulo para tentar melhorar. Ah...eu não gosto muito de corpo muito flácido. Que tem gordura localizada e flacidez demais. Porque é uma coisa que acho que dá pra consertar e tem muita gente que é relaxada demais” (Clara, 16 anos).

O corpo gordo e flácido, com certo ar de preguiça é entendido como sinal de “indisciplina, do desleixo”, é visto inclusive como “falta do investimento do indivíduo em si mesmo”, dizem Mirian Goldemberg e Marcelo Silva Ramos (2002, p. 31).

Outro dizer significativo é o reconhecimento por parte desses atores de que as coisas nem sempre foram assim. Fazendo alusão ao tempo em que ter um pouco de gordura era sinal de beleza e que diferenciava socialmente, Sant’Anna (2002), refletindo sobre a identidade corporal, enumera as qualidades outrora dirigidas ao corpo gordo: a barriguinha denotava vida confortável e tinha um certo ar de sedução; um colo gordo era a possibilidade de um belo local para descansar; a flacidez remetia à maciez e charme.

“Às vezes, as pessoas querem ter o corpo padrão, mas que não é o corpo delas e eu não acho isso legal...há alguns anos atrás, bonita era a mulher gorda. A magra era considerada feia...eu não acho isso legal, assim, padrão de corpo bonito” (Rafa, 16 anos).

Dos encantos pela gordura passamos à sua satanização. A esse sentimento vem atrelado um fascínio pela magreza que remete a “uma forte intolerância à ‘perda de tempo’, um fascínio absoluto pelo ‘curto prazo’, pela queima de etapas, numa palavra, pela aceleração da vida em nome do aumento da produtividade e do consumo” (SANT’ANNA, 2002, p. 30).

Outra pista interessante é dada por Rafa quando se refere ao fato de que o corpo padrão não é o corpo da pessoa. Ela, mesmo sem ter noção da dimensão de sua fala, diz respeito a um corpo real com o qual vivem homens e mulheres

concretos. O corpo que aparece na mídia é muitas vezes forjado, “turbinado”, consertado pelas mais modernas técnicas de computação gráfica, que opera milagres quando conserta o aparentemente perfeito: a gama de cosméticos existentes muda cor da pele e cabelos, escondem cicatrizes, espinhas, celulites. Cada detalhe é maquiado, consertado e refeito para não ferir o desejo do consumidor em obter aquele corpo ou sonho de consumo através do produto. Penso que tantos reparos, consertos, intervenções, dissimulações se baseiam em uma relação binária, traduzida pela aceitação/rejeição. Aceitação pelo liso, jovem e “sarado” e rejeição pelo rugoso, velho e gordo. Talvez a atual dependência a este binômio aceitação/rejeição esteja escondendo as marcas da nossa condição humana e escondendo os registros do tempo vivido dos corpos.

O desejo que impera é levar a vida “numa light”. É um estilo de vida, segundo Chaves (1999), que diz respeito, além de qualquer outra sensação, a um sentido de “bem estar e equilíbrio, harmonia para levar a vida”. Sem os quilos excedentes, o sujeito poderá ter mais prazer para viver.

Cabe ressaltar ainda que o avesso pela gordura se mostra pela ausência com que o corpo gordo é mostrado. A gordura é onipresente, ou seja, está em todo lugar, mas nem por isso tem visibilidade. Márcia Figueira (2002), ao pesquisar sobre “as representações de corpo feminino adolescente produzidas ou veiculadas pela Revista Capricho”, constata que “sua presença manifesta-se pela ausência” (p. 92). As imagens do corpo gordo/obeso são silenciadas, mas se fala delas o tempo todo,

uma vez que ele se torna “objeto” e “antimodelo” do que se quer mostrar como bonito, jovem e saudável.

Aconselhar padrões é a idéia que quer difundir uma rede de lojas de departamentos, através da publicidade. Ao analisar uma propaganda veiculada em uma rede de televisão, Chaves (1999) chegou a essa conclusão. Segundo a autora, tudo começa com a pergunta: quer saber o que está certo e errado na moda? A partir daí, imagens de corpos jovens e abdomens “sarados” tomam conta do filme. “Quando o errado passa por comportamentos publicamente inaceitáveis, como cortar unhas dos pés no elevador, fazer limpeza de pele, soltar bolhas na água da piscina”, aparecem duas pessoas gordas, com a seguinte mensagem: se você estiver crescidinho demais, o certo é ser mais discreto (p. 73). A mensagem difundida passa pela segregação, pelo afastamento do convívio social daqueles que estão fora do padrão. Esse sentimento inculcado em jovens com dificuldades em lidar com o seu “ser corpo” pode trazer resultados preocupantes.

Durante a entrevista, foi dada aos jovens participantes desta pesquisa a possibilidade de escolher, dentre quatro opções, aquela que mais lhe conviesse. As opções eram passar uma semana com o ídolo, uma vaga na universidade dos seus sonhos, mudar o corpo de acordo com seu sonho, um emprego garantido com bom salário. A escolha por essas opções deveu-se ao fato de elas serem pertinentes aos desejos de jovens como esses da pesquisa. Parti do princípio que qualquer uma delas poderia ser escolhida e acolhida por eles. Apesar disto, tinha como hipótese de que a da mudança no corpo seria a mais escolhida. Ao contrário de minha hipótese, apenas uma jovem optou por esta possibilidade. Porém, respondeu de

forma veemente sobre o desejo de mudar o corpo e o sofrimento causado pela insatisfação de seu “ser corpo”, e acredito que sua fala ilustra a fobia social que pode tomar conta de quem é considerado fora dos padrões.

“Porque eu acho que quando você está bem com você e com seu corpo, o resto você corre atrás, entendeu? Porque a coisa é mais difícil de funcionar quando você está se achando pra baixo. E quando você tá se achando pra baixo você não faz as coisas. Tem dia que, cara, eu tô me achando muito gorda, aí eu não faço nada. Eu não sou feliz. Agora tem dia que não. Tem dia que eu tô legal. Aí eu já corro atrás, entende? Então se você tá bem consigo mesmo, é mais fácil você se apresentar ao mundo, correr atrás do que você quer. Se eu não tô bem comigo, não tá completo, sabe? Não adianta eu encontrar meu ídolo, o se eu tô me achando a pessoa mais horrorosa do mundo. É como se eu não vivesse aquele momento. É como se eu tivesse sempre desesperada. Às vezes eu acho que é meio errado, mas assim...às vezes eu fico assim. Não, eu vou esperar! Tipo: quando eu emagrecer eu vou fazer isso e isso. Mas enquanto, não entendeu? É uma coisa, como se fosse uma satisfação temporária” (Sitty, 16 anos).

O sofrimento de Sitty é preocupante. Ela se sente incompleta, horrorosa, desesperada e infeliz. Seus sentimentos estão calcados e em sintonia com a cultura do músculo e com a lipofobia. Apesar de reconhecer que suas ações em consequência desse imperativo social podem estar erradas, essa jovem vive de forma intensa seu dilema e frustração em não atender aos padrões. Quantos de nós não somos também Sitty? Quantos de nós também não vivemos nossa porção Sitty no dia-a-dia? Quantos de nós não repugnamos ou contribuímos para essa aversão às *Sitties* de nossa convivência? Nós educadores; nós, pais; nós, cidadãos. Revelar esses dilemas traduzidos pelos sentidos de corpo para esses jovens pode, no

mínimo, colocar em evidência nossas fraquezas diante de tamanha força impositiva e nos fortalecer para combater essas verdades.

Naturaliza-se a aversão à gordura e aceita-se repugná-la até pela ausência. Quando aparece em espaços legitimados da mídia escrita, a imagem do corpo gordo, geralmente está nas inúmeras colunas de “certo e errado” na moda. Usualmente, os “mais crescidinhos” são convidados a emagrecer através de dietas milagrosas, exercícios físicos, cirurgias plásticas, cosméticos e uma infinidade de fórmulas que prometem enquadrá-los. Quando aceitos, como na Revista “Ana Maria”, por exemplo, através da coluna “Feliz com seu Corpo”, têm sua beleza dimensionada por truques, em que o tom imperativo das matérias determina o que “os mais cheios de corpo” podem ou não usar. Como esconder e mascarar seus excessos.

Concluindo, penso que de forma subliminar o homem moderno acata e propaga a atual aversão à gordura. Há um imaginário instituído de que ao repudiar a gordura obtém-se saúde. Na busca de saúde, o homem se refugia em ilhas e guetos com seus pares e dessa forma, “afasta-se de” e “afasta de si” tudo o que difere da chamada “normalidade”, tudo que foge aos padrões inculcados culturalmente, e que, muitas vezes, é visto como doença. José Carlos Rodrigues (1979) citado por Goldemberg e Ramos (2002, p. 31), diz que esse temor à doença

“se deve ao fato de ser esta, para nossa sociedade e muitas outras, uma categoria intermediária entre as condições de vida e as condições de morte. A busca por um corpo sarado funciona [...] como uma luta contra a morte simbólica imposta àqueles que não se disciplinam para enquadrar seus corpos aos padrões exigidos”.

5.2- Sentido de Corpo Negado

5.2.1- Mente, rosto depois o corpo – O corpo secundarizado

Na cultura ocidental, a concepção mais propagada de corpo é a que o concebe como instrumento da alma. Nem mesmo o advento do Materialismo do século XIX, cuja compreensão colocava a alma como produto do cérebro, conseguiu anular a concepção de corpo como instrumento. Pensar no dualismo cartesiano e na autonomia da alma em relação ao corpo, põe de lado a questão do caráter instrumental do corpo e evidencia a relação entre duas substâncias diferentes, corpo e alma, sabendo-se que esta pode ser entendida como mente ou razão.

A visão de que a mente é hierarquicamente superior ao corpo aparece nas palavras de José Manuel, 17 anos:

“Eu faria deixar de existir esse consenso de corpo feio e bonito, porque corpo é uma coisa que pode ser mudada. O que vale mais é a mente da pessoa”.

Caracteriza-se ainda um discurso que coloca o corpo como algo inferior porque ele pode ser mudado, moldado.

Ou como sentença Churrasco, 17 anos, ao falar do que é bonito:

“Se estamos falando de corpo, é isso mesmo que eu acho. Tem coisa mais importante que corpo, mas isso a gente não vai entrar em detalhes aqui. Mas em questão de físico mesmo,

pode ser isso, não aquele trem forte demais, mas uma pessoa com tudo definido”.

Pensar o corpo, em toda sua complexidade, é trilhar pela história da humanidade. É perceber que em seus diferentes momentos o corpo foi idealizado de acordo com a cultura dominante. Essa premissa permite dizer que toda concepção de corpo é histórica, sendo dessa forma, datada e localizada. A civilização ocidental, que tem suas origens na Antigüidade grega, revela uma tendência em perceber o homem como corpo e alma, ou seja, com uma visão dualista. A esse respeito, diz Maria Augusta Salin Gonçalves (1994) que o processo de desenvolvimento da civilização ocidental, realizado “por meio de tensões e oscilações históricas”, é marcado “por uma valorização progressiva do pensamento racional em detrimento do conhecimento intuitivo, da razão em detrimento da emoção, e do universal em relação ao particular” (p. 17).

Segundo Pompeu (1998, p. 12), a intencionalidade é o suporte que algumas concepções atuais buscam para tentar superar a dicotomia corpo e alma, pois esta assegura que o corpo não é só um objeto como outros, uma vez que é também o acesso às coisas e a ele mesmo.

Após situar na filosofia grega, especificamente no pensamento de Platão, cujo pressuposto era que “a alma teria vivido a contemplação do mundo das idéias, mas tendo que encarnar por algum motivo, se degradou, pois o corpo é como uma prisão”, Pompeu (1998) reflete sobre a concepção de corpo para os gregos, e supera a possível contradição desse povo ao estimular os exercícios físicos. A valorização do corpo pelos gregos nada mais é do que a reafirmação de

superioridade da alma que, de posse de um corpo perfeito e forte, permite que ela se dedique somente à contemplação das idéias. Dessa forma a fraqueza física não se tornaria um entrave “à vida superior do espírito” (p. 11).

Passando pela desagregação do Império Romano e pela Idade Média, a autora reflete sobre o corpo nos níveis biológico, psíquico, social e espiritual, que utilizarei aqui por considerar mais apropriado e de grande relevância para contrapor e dessa forma entender o sentido de negação do corpo encontrado nos discursos dos jovens dessa pesquisa.

Segundo Pompeu (1998), no nível biológico e genético, a concepção de vida, não só humana, tem sido enfatizada pelas tendências mais modernas de ciências, não mais aliadas às classes de “coisas e substâncias”, mas às categorias “de propriedades, especialmente as propriedades de relação e organização, nas quais espaço e tempo são categorias fundamentais à organização dos corpos materiais” (p. 12-13).

O corpo é psíquico porque todas as sensações só existem corporalmente, bem como os sentimentos são expressões corporais: “é corporalmente através dos seus sentidos que o homem conhece e sente a realidade, o mundo físico, os outros e a si próprio” (POMPEU, 1998, p.13).

O corpo é social, e sendo assim, é cultural e histórico, pois vai se constituindo através dos sentidos e significados que o homem constrói para si.

Finalmente, o corpo é espiritual porque, na construção dos significados corporais, há intencionalidade (POMPEU, 1998, p. 13-14).

Por essa complexidade, assinala a autora, não se pode fragmentar o homem, imprimindo em seus múltiplos aspectos marcas que o hierarquizam em categorias superiores e inferiores. “Tem-se um corpo, que é também um corpo intencional e vivido a todo o momento” (POMPEU, 1998, p.14).

Parece correto afirmar que a dicotomização do corpo ou sua secundarização em relação à alma, e por conseqüência à razão, tem deturpado nossa visão de corpo. Ainda que a superação dessa dualidade tenha encontrado nos dias atuais condições de fomento, essa possibilidade ainda não aponta para a libertação do corpo. Pelo contrário, a mesma sociedade que valoriza o corpo, que o reconhece “como sujeito primordial”, pedindo emprestado a expressão de Denise Sant’Anna (1999), o explora e domina de forma cada vez mais aprovada e tolerante.

Ainda que se possa falar em mudanças na percepção de corpo, o ideário atual ainda sinaliza para uma perspectiva que o afasta de uma concepção mais humanizante, que ainda não o concebe como expressão da existência. Uma vez que o corpo é desconsiderado em toda sua singularidade, de uma forma ou de outra, ele é visto de forma fragmentária. Seja pelo imperativo da magreza, pelo apelo do músculo, ou pela satanização da gordura, essa imagem é sempre reforçada.

Outro viés encontrado nessa pesquisa diz respeito ao desmerecimento do corpo em relação ao rosto. Mesmo considerando a maior extensão do corpo em

relação ao rosto, este se apresentou investido de maior significado porque a ele (rosto) é conferido um caráter de personalidade que ainda não atingiu ao corpo. Mesmo com o tom apelativo que cerca o corpo, ainda somos mais conhecidos por nossos rostos. José Manuel é taxativo ao afirmar e justificar sua preferência:

“Eu prefiro muito mais uma menina com um rosto muito bonito e um corpo não tão bonito, do que uma menina com o rosto feio e o corpo bonito”. (José Manuel, 17 anos)

Ainda que pareça clara a sua preferência, esse jovem dimensiona a beleza do corpo e a *fealdade* do rosto. Dito de outro modo: ele prefere rosto muito bonito e corpo não tão bonito. Ele pretere rosto feio e corpo bonito. Ou seja, mesmo preferindo o rosto bonito, ao corpo não cabe ser feio, ele pode não ser tão bonito. Assim corpo bonito, acompanhado de rosto feio, também não atende. José Manoel não tem consciência de que sua fala também está carregada de determinações impostas e previamente decididas. E segue dizendo:

“O corpo é, nem secundário, é terciário. Primeiro vem a mente, depois o rosto, depois o corpo” (José Manuel, 17 anos)

Para além do caráter de ingenuidade que essa fala expressa, tal afirmação remete a uma reflexão acerca de mais fragmentação imposta ao corpo. Nunca havia me deparado com uma afirmação dessa natureza. O jovem foi tão categórico que me pus a pensar nos sentidos expressos nessa afirmação tão forte. O corpo, visto como secundário, foi alvo de pesquisas e inúmeras contestações no mundo acadêmico. O que dizer então de ser preterido também em relação ao rosto?

Mas o rosto não faz parte do corpo? Parece-me que, para a jovem abaixo, a resposta é negativa. Ao responder se mudaria algo em seu corpo respondeu:

“Mudaria. Mudaria o nariz. E talvez no corpo eu tiraria na barriga porque me incomoda” (Rafa, 16 anos)

Pompeu (1998), em sua pesquisa, encontrou evidências de que há uma valorização diferente entre rosto e corpo. O padrão de corpo a ser seguido é bem rígido e homogêneo, e, para o rosto, não há padrão específico. “Mas essa ênfase no corpo não quer dizer que não exista padrão a ser seguido pelo rosto, cabelos ou cor da pele. Não há um só padrão, aceitam-se variações, pequenas, logicamente, pois não se aceita qualquer coisa” (p.78).

Outro informante convidado a falar sobre corpo jovem respondeu:

“Mente sã, não velha” (João Henrique, 16 anos).

O que o levou a essa resposta? Parece-me que ele relaciona corpo e mente, mas de uma forma também diferente. À mente cabe uma relação direta com o corpo, a qual, sendo jovem, cabe uma mente jovem, não velha. Ao corpo velho cabe uma mente velha, por dedução. Essa é mais uma pista que demonstra estratificações da tradicional forma de pensar a relação entre corpo e mente.

Na questão falada anteriormente, em que os informantes foram convidados a escolher uma dentre quatro opções, que versavam sobre mudança no corpo, emprego, universidade e conhecer um ídolo, várias pistas apareceram que confirmam esse desmerecimento do corpo. Mesmo levando em consideração que

estando no Ensino Médio, o desejo de entrar na universidade é grande, que as suas condições sócio-econômicas os leva a pensar em emprego e que conhecer um ídolo pode fazer parte dos sonhos da maioria dos jovens, acredito que as justificativas para não escolher a questão do corpo vêm carregadas de significados. A despeito de não quererem um corpo bonito, de achar que já o têm ou de pensar que essa necessidade de corpo bonito é parte da ditadura do corpo, algumas respostas revelaram um dizer sobre corpo que coaduna com a sua secundarização. Estas falas mostraram corpos que podem ser comprados, que são desconsiderados, desnecessários e conformados:

“Prefiro a universidade. Um corpo bonito é uma coisa que vai depender se um dia eu tiver trabalhando e quiser dispor do meu dinheiro pra isso eu posso conseguir” (Ia, 16 anos);

“Prefiro a universidade. Não tem nada no corpo que seja mais importante que realizar um sonho” (Clara, 16 anos);

“Prefiro um emprego. Esse negócio de corpo pode não ser uma coisa tão necessária também” (João Henrique, 16 anos);

“Fico entre a universidade e o emprego. Esse negócio de corpo acho que isso é o de menos” (José Manuel, 17 anos);

“Prefiro o ídolo. As outras são menos importantes. No meu corpo eu não queria mudar nada não. Foi assim que eu fui feito” (Churrasco, 17 anos).

Finalizo com a fala de José Manuel, que mais uma vez, de forma contundente, ilustra a força do sentido secundarizado do corpo:

“Acho que muito mais se eu pudesse ter a oportunidade de mudar a minha mente, sabe? De ficar com um caráter perfeito, com uma filosofia de vida perfeita, ser um cara que só fizesse coisas legais. Eu queria muito mais mudar a minha personalidade do que meu corpo. Esse negócio de corpo é o de menos” (José Manuel, 17 anos).

5.3- Sentido de Corpo Libertário

5.3.1- O desejo de ser Zaratustra - O corpo libertário

Mas, por meu amor e esperança eu te exorto: não atires fora o herói que está em tua alma! Mantém sagrada tua mais alta esperança.

O sentido de libertário que quero exprimir neste contexto é aquele que preconiza uma prática de liberdade absoluta e ilimitada para os sujeitos. Sem cair na ingenuidade de pensar que isso é possível, proponho que o uso desse termo seja feito, em tese, na tentativa de ilustrar de maneira fiel o sentimento dos atores sociais envolvidos na pesquisa.

Ainda que eu não seja uma conhecedora da obra de Friedrich Nietzsche, tomei-lhe emprestada uma idéia na perspectiva de “ilustrar” o sentido explicitado acerca de corpo que se mostra evidente em algumas falas e se oculta em tantas outras. Assim cheguei a “Zaratustra”, que serve para materializar no texto o sentimento percebido.

Nietzsche descreve “Zaratustra” como um contestador do homem, como um ser que está excessivamente alerta em suas procuras, divagando sempre sobre sua condição de ser capaz de pensar, distinguir entre o bem e o mal, mas sempre acreditando na sua capacidade de distinção, mantendo-se sempre na esperança de extrair de qualquer situação que se apresente, a melhor maneira de servir a si

próprio, de se manter, mesmo diante das adversidades; como o único que, para se perpetuar, está, em todo momento, vigilante, pronto para colocar valores e sentidos nas coisas.

Zaratustra é identificado como aquele que anuncia o super humano e a “morte de Deus”; um herói no qual se pode converter o homem quando se liberta de tudo que o mutila (JAPIASSU; MARCONDES, 1996, p.18).

Será que não é assim que se sente a jovem abaixo, com necessidade de livrar-se de um desejo imperioso que a mutilará?

“Talvez, se eu pudesse, eu mudaria meu nariz, mas será que vale a pena? Assim, é aquela coisa, todo mundo tem defeito, ninguém é perfeito. Igual eu tenho vontade de fazer uma plástica no meu nariz. Mas não sei se devo ou se tenho coragem... se vale a pena tirar uma coisa que é minha, que é saudável” (Rafa, 16 anos).

Em “Assim falou Zaratustra” (*Also sprach Zarathustra*), escrita entre 1883 e 1885, Nietzsche explica com detalhes sua teoria do super-homem e do eterno retorno, que é “a outra face do super-humano, o outro nome da vontade da potência, dessa vontade de libertar-se de todas as determinações para só obedecer ao princípio ‘Tornar-te o que tu és’, assumindo a ‘gaia da ciência’ que lhe confere a liberdade” (JAPIASSU e MARCONDES, 1996, p.18-19).

“Tornar-te o que tu és”. Talvez essas palavras ilustrem o desejo de Sitty, 16 anos que, ao ser perguntada sobre como resolver a questão da ditadura do corpo à qual ela se referiu, respondeu:

“É uma questão meio complicada, sabe? Meio difícil. Porque a coisa é colocada na sua cabeça muito cedo e aquilo é trabalhado todo período da sua vida. Mas eu acho que isso é

uma questão de usar a roupa que quer usar entendeu? E não preocupar só com que os outros usam. Ou então, se aceitar do seu jeito. Baixinha do jeito que você é, alta do jeito que você é. Acho que é o início, sabe? De mudar isso. De se aceitar”.

Surpreende-me ainda, nessa fala, o grau de consciência dos processos de inculcamento pelos quais passam, o homem, que influencia os desejos e orienta condutas.

Parece-me correto afirmar que os mesmos atores que, de forma direta ou velada, consideram o corpo sob o viés do feio e do bonito, do gordo e do “sarado”, que querem mudá-lo em função de um ideal de corpo padronizado, desejam sua liberdade. Não para serem o que desejam e sim para o que são na realidade. Preconizam, inclusive, que seja considerado feio o que for resultado do imposto, conforme nos fala Sitty, 16 anos:

“O corpo feio seria aquele resultado de uma ditadura (...) Tipo assim: a pessoa tem que ser magra demais”.

Ou ainda desejam que o bonito fosse aquele

“que você não precise ficar morrendo de fazer exercício e não tenha que fechar tanto a boca...Se eu pudesse modificar, esse seria o bonito...sem sacrifícios. E feio...nenhum”. (Rafa, 16 anos).

O sentimento desses jovens em libertar o corpo em nada se parece com o “mito do manto da liberdade com que se deseja cobrir o corpo”, de que fala Jean Braudrillard (1999, p. 139), refletindo sobre a voga corporal em curso, em que o padrão de corpo é estereotipado e desconsidera a diversidade efetiva na qual vivem

sujeitos reais e de fato. Este manto de libertação está relacionado à aparente autonomia da qual os sujeitos se acham investidos para escolher o que fazer. Em nome do “gostar-se” e de “cuidar-se”, os sujeitos acabam por obedecer a este imperativo.

No caso dos informantes desta pesquisa, a consciência está direcionada no sentido de desejarem-se livres das amarras dessa prisão do (no) corpo, no imperativo, do culto exacerbado. As três falas abaixo ilustram com riqueza essa vontade e a consciência de que são manipulados e de que seu desejo é orientado por algo que está fora deles – um mecanismo externo. Aparece ainda a admiração por quem consegue promover essa ruptura, o que demonstra, juntamente com outros fatores já citados, que mesmo desejando essa atitude eles ainda não a têm. A materialização dessa certeza está no fato de eles não usarem a primeira pessoa. Coloco em negrito onde isso acontece.

*“Eu acho que a sociedade impõe, entendeu? Eu acho que a **peessoa** tem que ser contra isso. Por isso eu acho que, às vezes, eu admiro **as pessoas** que, tipo, usam exatamente o que **elas** gostam...principalmente o jovem, ele tem que, não só o jovem, mas também o adulto, ele tem que ser contra a ditadura da moda, do social, do corpo também...Eu acho que a **peessoa** tem de correr disso e se sentir bem do jeito que **ela é**” (Sitty, 16 anos).*

*“Na minha opinião, esse negócio **da peessoa** cismar que o corpo, mesmo que esteja bonito, não tá bom o suficiente, é influência do mundo exterior. Tanto **ela** vê falar que o fulano tem o corpo bonito... e o dela, ela acha que não tá tão bonito quanto. **Ela** trabalha, ela acaba se “aficionando” muito com aquilo. Tipo: eu diria para uma pessoa que o corpo dela, mesmo não sendo considerado tão bonito pela sociedade, mas se pra ela não tá atrapalhando, tudo bem” (José Manuel, 17 anos).*

*“Um corpo bonito deveria ser considerado aquele que a **pessoa** se sentisse bem. Acho que não teria um corpo especialmente...eu acho que não deveria ter esse padrão, essa coisa estabelecida” (Clara, 16 anos).*

“Tornar-te o que tu és”: sentir-se bem na própria pele, sem que essa frase carregue a ideologia de buscar o que está em voga para atingir esse objetivo. Talvez essa frase diga respeito ainda a um pedido de socorro desses jovens, por não suportarem mais tanta pressão. Ou talvez seja a expressão do cansaço de tentar, tentar e nunca chegar lá (ao corpo padrão, bonito, perfeito). Quem sabe é a mera repetição de frases colhidas aqui e ali. Pode ser ainda um ato de curvarem-se, resignados por não atenderem aos padrões impostos. Qualquer que seja a resposta, eu acredito na imensa necessidade que esses jovens demonstraram de se tornarem “Zaratustra”.

Eu, que ouvi suas vozes inúmeras vezes, li a materialidade de seus discursos, lembrei-me de seus semblantes por vezes tensos, por vezes tranquilos, que percebi suas inquietudes, suas lágrimas, sua alegria em dizer cada palavra que remetia ao desejo de liberdade para seus corpos, não tenho dúvidas de que seus sentidos, sentimentos e desejos podem ser resumidos na frase simples e significativa abaixo:

“O corpo bonito deveria ser aquele em que cada um se sentisse melhor de ter, depende de cada um se, se sente bem. O importante é ser feliz, uai” (Iá, 16 anos).

6- Conclusões e Considerações Limiaries

Mais que
ponto de chegada, é ponto de partida

Este trabalho, com todas as suas dúvidas, incertezas, afirmações e contribuições, não pretendeu satanizar o cuidado com o corpo, a atividade física, a academia de ginástica, a aptidão física, a roupa da moda e/ou adequada à prática esportiva. Seria um despropósito tentar ou pensar em fazê-lo, sobretudo porque não poderia negar o fenômeno da qualidade de vida, que não perpassa somente pelo cuidado com o corpo, mas encontra na atividade física, seu maior aliado. Esse é um sinal dos tempos em que vivemos, não há como negá-lo.

Para mim não resta a menor dúvida de que a fase da Análise de Dados se mostrou a fase mais edificante do processo de pesquisa, na mesma proporção que foi a mais angustiante. Edificante porque eu me vi em meio a fatos e dados que me lembraram, o tempo todo, das minhas inquietações, uma das motivações para fazer esta pesquisa. E angustiante, porque foi o momento de grandes dúvidas, de

incertezas, do sentimento de não estar fazendo a coisa correta. Estava certa de que os resultados de minhas buscas não se apresentariam de maneira clara. Pelo contrário, tinha consciência de que, ao pesquisar com o olhar do Imaginário, em busca de sentidos que guiam as ações dos sujeitos, teria necessariamente de partir do pressuposto de que, muitas vezes, a realidade estudada se mostraria a partir de situações mascaradas, não evidentes.

Além disto, explicitar os sentidos de corpo para os jovens em foco levou a análise a caminhar, em muitos momentos, no sentido de questionar algumas práticas relacionadas à qualidade de vida, naturalizadas em nosso cotidiano. Tais práticas, geralmente, estão relacionadas com a academia de ginástica e adjacências. No caso desta pesquisa, o questionamento é em relação ao culto ao corpo: exacerbado, irresponsável e inconsciente. Essas características, postas desta forma, tiveram como objetivo ir além da denúncia, uma vez que, fazem com que, no mínimo, passemos a pensar nelas, a considerá-las.

A hipótese geral desta pesquisa (que os sentidos de beleza e força faziam parte do discurso dos jovens em relação ao corpo, que eles pensavam que o corpo padrão poderia ser facilmente construído e que não levavam em consideração as diferenças reais e individuais, com as quais convivemos diariamente) foi em parte reafirmada, porque esses jovens têm impregnado em seus discursos um dizer sobre corpo, condizente com uma representação de corpo ideal que circula em nossa sociedade e que coloca em foco quem o possui, conferindo-lhe *status*. A procura por esse destaque é reconhecida por esses atores sociais, e, em muitos momentos, causam-lhes angústia e sofrimento; em outros, reconhecem sua

necessidade sem maiores conflitos pessoais. Confirmo então, os sentidos de força e beleza como parte do Imaginário desses jovens em relação ao corpo.

Através da pesquisa, apreendi que, no universo simbólico desses jovens em relação ao corpo, os sentidos de força e beleza vêm traduzidos pela necessidade apresentada de se ter um corpo “sarado, única tradução para corpo bonito. Esse sentido de beleza caminhou por todo tempo com um sentido de fealdade adjetivando o corpo gordo. Percebi então que, em seus discursos, emergem dois fortes sentidos para o corpo: bonito e feio. Ao corpo, para esses atores, somente duas formas de estar no mundo: ou é bonito, portanto, “sarado”, ou é feio e, dessa forma, gordo, confirmando-se a tese de que o Imaginário atua sempre por oposição: o feio em relação ao bonito e vice-versa. Essa é uma conclusão deste estudo: os jovens não resistem aos apelos da sociedade do culto ao corpo e colocam o corpo sob o viés do feio e do bonito. Penso ainda que essa constatação tem forte relação com uma tendência que ainda percebe o mundo em relações binárias, fruto do racionalismo cartesiano. As dualidades feio e bonito, mal e bem, paz e guerra, corpo e mente, teoria e prática, razão e emoção, etc. ainda povoam nosso imaginário e materializam nossas práticas, nossos discursos. Há que se reforçar a busca no sentido oposto, ou seja, no sentido do reconhecimento da heterogeneidade, da complexidade das relações interpessoais, nos espaços instituídos e instituintes da sociedade, os quais não abrigam respostas reducionistas, dicotômicas, fragmentárias, modelares, científicas e academicistas.

Todavia, esse olhar sobre o corpo, que o coloca sob o viés do bonito e do feio, ganhou outros desdobramentos na fala dos jovens participantes desta pesquisa. A tradicional visão de corpo secundarizado em relação à mente ficou em evidência e ganhou um contorno singular. Ao corpo coube ainda um lugar terciário, e ao rosto, um local secundário que outrora pertenceu ao corpo. Na impossibilidade de se terem os dois, corpo e rosto, bonitos, dimensiona-se a beleza do corpo, pois ao rosto não cabe ser aquém ou menos bonito.

Outras manifestações corporais foram, rotineiramente, deixadas de lado. Para esses jovens, o corpo alto, baixo, velho, jovem, tatuado, etc. têm uma conotação menos relevante em seus discursos, como se fossem menos importantes ou menos merecedoras de atenção que os corpos “sarados” e gordos. Na verdade, algumas dessas manifestações corporais tangenciam o corpo padrão, mas não o são, como por exemplo, o corpo alto. Outras fogem aos padrões vigentes, como por exemplo, o corpo velho. Quando falam acerca dessas outras formas corporais, referem-se à proporcionalidade, por exemplo, se for baixo e proporcional; à herança genética, por exemplo, alto e baixo; à falta de vigor físico, por exemplo, velho. Mas acabam sempre retornando para o binômio feio e bonito, que adjetivam essas outras manifestações. Em relação ao próprio corpo, evidenciou-se uma aceitação que se justificava por acharem-no parecido consigo ou perfeito, no sentido de não ter defeito físico ou atender às suas necessidades.

Mesmo circulando nos dois sentidos, bonito e feio, e negando ao corpo seu caráter singular, os atores sociais desta pesquisa, quase em uníssono, dão um

grito de liberdade: deixam irromper o mito de Zaratustra, cujo lema é “tornar-te o que tu és”. Pedem socorro para seus corpos, querem se ver livres do constrangimento social de não atenderem aos padrões. Para isso, não querem uma fórmula mágica para mudar seus corpos. Além de terem outras prioridades, como ingressar na universidade e mercado de trabalho, pensam que o imperativo que reina na “cultura da malhação” não é bom para as pessoas. Demonstram um desejo imenso de serem como o são e demonstram respeito pelas diferenças. Desta forma, parte da minha hipótese não se confirmou: esses jovens não desconsideram as diferenças em que vivem homens concretos, ao contrário, sofrem com elas. Eles se reconhecem nestas diferenças e não têm a visão ingênua de achar que o corpo padrão é facilmente construído. Exemplificam as dificuldades impostas a quem quer ter o corpo perfeito, falam do sofrimento de ter-se que perder peso, não se comer o que gosta, “malhar”, enfim, denunciam, cada um a sua maneira, a ditadura do corpo.

O discurso desses jovens parece aproximar-se do discurso autoritário (ORLANDI, 2001; 2002). Nota-se um estancamento da reversibilidade, quase não havendo troca de papéis entre os interlocutores, estando o locutor como agente exclusivo. O discurso tendeu, na maior parte do tempo, para a imposição à paráfrase ou monossemia, para um sentido único, mas, em alguns momentos, deslizou para o polêmico, na tentativa de configurar a resistência, de pressupor uma prática de afrontamento ao que está posto.

Mesmo pautando seu discurso pela lógica do feio e do bonito, esses jovens demonstram muita vontade em se verem livres desta prisão no (do) corpo,

embora não percebam, o tempo todo, que obedecem aos padrões. Sem generalizar essas novas verdades aqui colocadas, penso que, os sentidos aqui explicitados nos convidam a todos, professores, pais e a quem possa interessar esta pesquisa, a repensar nossa prática profissional e pessoal, a *resignificar* nosso “ser corpo” e ajudar na construção de outras verdades, no que diz respeito ao universo simbólico do corpo, frente ao imperativo social vigente. A partir do reconhecimento dos sentidos, pode-se trabalhar um contra-discurso, que tenha significado para esses jovens e tantos outros que se identificam com eles.

Essa possibilidade de refletir sobre o corpo e seus sentidos encontra na Educação Física, entre todas as disciplinas escolares, maior espaço para ser repensada, o que não quer dizer que deva se ater a ela: o corpo carrega consigo uma história e toda uma subjetividade, sendo necessário, portanto, que ele seja vivenciado, pensado e permitido em todo contexto escolar. É importante que cada sujeito se expresse à sua maneira, perceba, por si próprio, todo o saber que seu corpo contém, a riqueza do *mais belo traço da memória da vida*, e não se submeta, ou sofra por padrões e desejos que são externos a ele.

Na reflexão sobre estas questões, podem-se encontrar novas concepções pedagógicas que sejam orientadoras da educação, não apenas como reflexo do político, histórico ou econômico, mas também levando em consideração uma prática simbólica que estrutura o real. Tudo isso pode levar a práticas pedagógicas que respeitem e levem em consideração a complexidade da sociedade, e, em consequência, a diversidade com que convivemos. É preciso,

pois, acalentar outras possibilidades, nas pesquisas relacionadas à educação, que possibilitem a compreensão do universo simbólico do Imaginário Social.

Ainda que pareça contraditório, os jovens sofrem por não terem o corpo padrão, denunciam a ditadura do corpo, vislumbram uma forma reduzida de corpo que o percebe somente como feio e bonito, falam de suas atitudes frente à necessidade de adequar seus corpos, desvalorizam e negam o corpo com a mesma ênfase com que pedem sua liberdade. Este estudo, então, desmistifica a idéia de que esses jovens são passivos diante do culto ao corpo, que desconhecem o que acontece ao seu redor.

Espero ainda que este estudo sirva como estímulo para outros com filiação no Imaginário Social. Assim sendo, aponto a seguir alguns abandonos que tive que fazer para não sair do meu caminho, mas que poderiam ser pertinentes para pesquisar:

- A- os sentidos de corpo para grupos formados e com identificação bem significativa em comum: atletas, dark's, clubber's, isqueitistas, roqueiros, patricinhas, mauricinhos, hip hop, tatuados, etc. ;
- B- um estudo com esse mesmo enfoque, com jovens provenientes de áreas rurais ou capitais, católicos praticantes ou evangélicos, escola particular (jovens provenientes de uma classe social elevada);
- C- utilização de filmagem na tentativa de captarem-se gestos e expressões, que ajudariam nas análises;

D- uso de metodologia baseada na projeção de imagens através de revistas próprias do universo juvenil;

E- análise da imprensa de hoje e de anos atrás para buscar se houve mudanças nos sentidos de corpo para jovens.

Finalizando, peço licença para fazer dois destaques:

1º- Considerando que o estudo de caso trata de uma realidade ímpar, única e complexa, tentei caracterizar bem o contexto da pesquisa para que fosse possível ao leitor perceber semelhanças ou diferenças em situações que ele vivenciou, promovendo a “generalização naturalística” conforme STAKE (1978).

2º- O campo de investigação do Imaginário Social tem interface com as diversas áreas do conhecimento, porque tem como premissa que nenhum fato pode ser estudado isoladamente e que todo recorte deve ser lido pelas diferentes ciências. Sendo o campo de várias ciências, em que a transdisciplinaridade é necessária e garantida, o Imaginário Social se aproxima de e tem um viés na Psicologia Social, na Semiótica, na Sociologia e Filosofia (FERREIRA, 1998). Por isso, afirmo que existe produção intelectual no campo do Imaginário que mereceria mais atenção de educadores e diferentes áreas acadêmicas.

Enfim, as conclusões e considerações aqui tecidas resumem, de uma certa forma, meu ponto de chegada, que assim pode ser chamado só por força de expressão. Esse meu aporte aponta para a possibilidade de outros caminhos a seguir. Fica a doce sensação e a certeza de que o que está sendo apresentado não

é o único, mas é o meu caminho, neste momento. Sem querer incorrer no relativismo, mas extinguindo verdades como dogmas, penso que, mais que um ponto de chegada, este pode ser um ponto de partida.

“Eis-me aqui, não pude fazer de outra maneira”.

Bibliografia

ANSART, Pierre. *Ideologia, conflito e poder*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. 276 p.

ASSMANN, Hugo. *Paradigmas Educacionais e Corporeidade*. Piracicaba: Unimep, 1993. 123 p.

BACKZO, B. Imaginação Social. In: ENCICLOPÉDIA Einaudi – Anthropos – Homem. Vol. 5. Portugal: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1985. 229 p. il.

BAUDRILARD, Jean. *A sociedade de consumo*. Rio de Janeiro: Elfos. 1995. 213 p.

BECKER, Daniel. *O que é adolescência*. 7.ed. São Paulo: Braziliense, 1989. v. 159. (Coleção Primeiros Passos).

BOLTANSKI, Luc. *As classes sociais e o corpo*. 3.ed. Trad. de Regina A. Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1989. 191p.

BRACHT, Valter. A constituição das Teorias Pedagógicas da Educação. *Caderno Cedes*, Campinas, n. 48, p. 69-88, agosto 1999.

CHAUÍ, Marilena. *Convite à Filosofia*. 6ª ed. São Paulo: Ática, 1997. 440 p. il.

CHAVES, Simone F. *Em cena o corpo: Sentidos que circulam com o corpo nas propagandas de televisão*. 1999. 113 f. (Dissertação, Mestrado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 1999.

COELHO, Marcus Nascimento. *Linguagem Corporal: Imaginário de Corpo*. Rio de Janeiro: Editora Gama Filho, 2000. 230 p. il.

COSTA, Vera Lúcia de Menezes. *Esportes de aventura e risco na montanha: uma trajetória de jogo com limites e incertezas*. 1999. 214 f. il. color. (Tese, Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 1999.

COURTINE, Jean-Jacques. Os Stakhanovistas do Narcisismo: Body-building e puritanismo ostentatório na cultura americana do corpo. In: SANT'ANNA, D. B. (org.). *Políticas do Corpo*. São Paulo: Estação Liberdade, 1995, p. 81-114.

DURAND, Gilbert. *As estruturas antropológicas do imaginário*. Lisboa: Presença, 1989. 326 p. il.

ESTEREÓTIPO. In: AMORA, Antônio Soares. *Dicionário Soares Amora da Língua Portuguesa*. 6ªed. São Paulo: Saraiva, 1999. p. 290.

FERREIRA, Nilda Teves e EIZIRIK, Marisa Faerman. Educação e Imaginário Social: revendo a escola. *Em Aberto*, Brasília, ano 14, n. 61, jan./mar. 1994. p. 05-14.

FIGUEIRA, Márcia Luíza Machado. *Representações no corpo adolescente feminino na Revista Capricho: saúde, beleza e moda*. 173 f. il. color. (Mestrado, Ciências do Movimento Humano) – Faculdade de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do sul, Porto Alegre, 2002.

FISCHLER, Claude. Obeso Benigno, Obeso Maligno. In: SANT'ANNA, D.B. (org.). *Políticas do Corpo*. São Paulo: Estação Liberdade, 1995, p. 69-80.

FRAGA, Alex Branco. *Corpo, identidade e bom mocismo: cotidiano de uma adolescência bem comportada*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. 164 p.

_____. Anatomias de consumo: investimentos na musculatura masculina. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 25, n. 2, p. 135-150, jul/dez, 2000a.

FREITAS, Silvânia Aparecida; MARTINEZ, Sílvia Oliveira Costa; PEREIRA, Eveline Torres. A corporeidade dos adolescentes da Escola Técnica Federal de Ouro Preto: reflexões à luz do imaginário. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, XI, 1999, Florianópolis. *Anais...Florianópolis*, caderno 3, p.1636, 1999. Resumo.

GARCIA, Rui Proença. A evolução do homem e das mentalidades: uma perspectiva através do corpo. *Movimento*. Porto Alegre, n. 6, p. 61-71, 1997.

GIL, Antônio Carlos. *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. São Paulo: Atlas, 1999. 206 p.

GOLDENBERG, Mirian; RAMOS, Marcelo Silva. As civilizações das formas: o corpo como valor. In: GOLDENBERG, M. (org). *Nu e Vestido: Dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca*. Rio de Janeiro: Record, 2002, p. 19-40.

GONÇALVES, Maria Augusta Salin. *Sentir, pensar e agir: Corporeidade e Educação*. Campinas: Papyrus, 1994. 196p.

GROPPO, Luiz Antônio. *Juventude: ensaios sobre a sociologia e história das juventudes modernas*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2000. 301 p. (Coleção Enfoques).

JAPIASSU, Hilton; MARCONDES, Danilo. *Dicionário Básico de Filosofia*, 3ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996. 296 p.

LAPLANTINE, François e TRINDADE, Liana. *O que é imaginário*. 2.ed. São Paulo: Braziliense, 1997. v. 309. (Coleção Primeiros Passos).

LÜDKE, Menga e MARLI, André. *Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.

MOLINA, Rosane Maria Kreuzburg. O enfoque teórico metodológico qualitativo e o estudo de caso: uma reflexão introdutória. In: MOLINA NETO, Vicente e TRIVIÑOS, Augusto N.S. (org.). *A pesquisa qualitativa em educação física*. Porto Alegre: Sulina, 1999, 95-105.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 1996. 78 p.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhem. *Obras Incompletas*. 3ª ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983. 265 p. (Os Pensadores).

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Entremeio e Discurso*. Santa Maria: [s.n], 1992. Congresso Interdisciplinar.

_____. Discurso, Imaginário Social e Educação. *Em Aberto*, Brasília, ano 14, n. 61, jan./mar. 1994. p. 53-59.

_____. *Interpretação: Autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 2001. 150 p.

_____. *A linguagem e seu funcionamento: As formas do discurso*. 4ª ed. Campinas: Pontes, 2001a, 276 p.

_____. *As formas do silêncio no movimento dos sentidos*. 5ª ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2002, 189 p.

_____. *Análise de Discurso: Princípios e Procedimentos*. 4ª ed. Campinas: Pontes, 2002a, 100p.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e Discurso: Uma Crítica à Afirmação do Óbvio*. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi *et al.* 3ª ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997, 317 p. (Coleção Repertórios)

PEREIRA, Eveline Torres. *Imaginário social e velhice: o discurso do idoso*. 1999. 110 f. il. color. (Dissertação, Mestrado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física da Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 1999.

PESAVENTO, Sandra. *Em busca de uma outra história: imaginando o imaginário*. Porto Alegre: Departamento de História da universidade Federal do Rio Grande do Sul, [199-]. Não paginado. Ensaio.

POMPEU, Tânia Guimarães. *Corpo humano e a alienação estética de nosso tempo*. 121 f. (Dissertação, Mestrado em Psicologia) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1998.

PORPINO, Karenine de Oliveira. O Corpo, esse nosso (des) conhecido. *Revista da Escola Técnica Federal do Rio Grande do Norte*, Natal, n. 2, set. de 1997.

SALLES, Leila Maria Ferreira. *Adolescência, Escola e Cotidiano: contradições entre o genérico e o particular*. Piracicaba: Unimep, 1998. 173 p.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. Das Razões do culto ao corpo às condutas éticas. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 11, 1999, Florianópolis. *Anais...* Florianópolis: Edigraf, setembro de 1999. Vol. 2, p. 57-61.

_____. Descobrir o corpo: uma história sem fim. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 25, n. 2, p. 49-58, jul/dez 2000.

_____. É possível realizar uma história do corpo? In: SOARES, Carmen Lúcia (org.). *Corpo e História*. Campinas: Autores Associados, 2001. p. 3-23. (Coleção Educação Contemporânea).

_____. Identidade Corporal. In: *Corpo Prazer e Movimento*. São Paulo, 2002, p. 25-31. (Edição Especial do SESC de São Paulo).

SANTIN, Silvino. Corporeidade e educação motora: confluências e divergências. In: II CONGRESSO LATINO AMERICANO DE EDUCAÇÃO MOTORA, III CONGRESSO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO MOTORA, 2000, Natal. *Educação Motora: Interseções com a corporeidade e as perspectivas para o novo século*. Natal, 2000. [Anais eletrônicos...] Natal: UFRN, 2000. 1 CD-ROM.

SHOLL, L. Desejos sociais “versus” práticas educacionais: uma tensão no imaginário social. In: FERREIRA, N. T. (org.). *Imaginário social e educação*. Rio de Janeiro: Gryphus, 1992.

SIMÕES, Regina. Ciência e Consciência: Tatuagens do corpo idoso. In: MOREIRA, Wagner Wey (org.). *Corpo Presente*. Campinas: Papirus, 1995. p. 111-136. (Coleção Corpo e Motricidade).

SOARES, Carmen Lúcia. Apresentação. *Caderno Cedes*, Campinas, n. 48, 5-6, agosto de 1999.

SOUZA, Regina Magalhães de. *Escola e Juventude: o aprender a aprender*. São Paulo: EDUC/Paulus, 2003. 271p.

SOUSA, Leiliana Santos de. *O Imaginário Social e o Movimento de Pais e Mães na Escola Pública Estadual*. 167 f. (Dissertação, Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1996.

STAKE, R. C. *Investigacion com estudio de casos*. Madrid: Morata, 1998.

SPOSITO, Marília Pontes. Estudos sobre juventude em educação. *Revista Brasileira de Educação*. n. 5-6. pp. 37-52. Maio/Agosto e Set/Dez 1997.

VILLAÇA, Nízia; GÓES, Fred. *Em nome do corpo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998. 224 p.

FALEIRO, Cláudia Caldeira Soares. *A construção do significado da Escola Plural; um estudo sobre a apropriação da Escola Plural pelos professores do 3º Ciclo de Formação*. 1998. 52 f. Projeto (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1998.

FRANÇA, Júnia Lessa *et al.* *Manual para Normalização de Publicações Técnico-Científicas*. 6ª ed. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2003. 230 p. (Coleção Aprender)

QUART, Alissa. Revista Veja 1813, ano 36, nº 30. *Edição Especial nº 24: Jovens*. Rio de Janeiro: Editora Abril, p. 83, agosto 2003. Entrevista.

ANEXO

A – Roteiro para Questionário

Nome:

Idade:

Local de Nascimento:

Peso:

Altura:

Religião:

Freqüenta? ----- CLUBE ----- ACADEMIA ----- OUTROS. Qual? -----

- 1- Você pratica alguma atividade física? Qual?
- 2- O que o motiva a fazer atividade física?
- 3- Quando você faz alguma atividade física, você prefere fazê-lo de forma coletiva ou individual?
- 4- Por que?
- 5- Você assiste a algum programa de TV direcionado ao público jovem? Qual?
- 6- O que você faz para cuidar do seu corpo?
- 7- Você está satisfeito com seu corpo? Por que?
- 8- Gostaria de continuar participando desta pesquisa? Por que?

B - Roteiro para Entrevista Semi-estruturada

- 1- Se fosse dada a você a oportunidade de mudar seu corpo, você mudaria alguma coisa? O que? Por que?

- 2- Se te perguntassem o que é hoje considerado um corpo bonito, o que você responderia? E um corpo feio?
- 3- Se te fosse dado o poder de estabelecer, a partir de agora, o que é um corpo bonito, como ele seria? E um corpo feio? Por que?
- 4- Suponha que você esteja diante das seguintes alternativas:
- a. Passar uma semana com seu ídolo;
 - b. Uma vaga na universidade dos seus sonhos;
 - c. Mudar seu corpo de acordo com seu sonho;
 - d. Um emprego garantido com bom salário;
- 4.1- Qual alternativa escolheria?
- 4.2- Por que ela é mais importante para você?
- 4.3- Por que as demais são menos importantes?
- 5- Se coubesse a você estabelecer o tipo de roupa e acessórios da moda, quais seriam?

C - Roteiro para Associação Livre:

- O corpo perfeito:
- O seu corpo:
- O corpo feio:
- O corpo bonito:
- O corpo gordo:
- O corpo baixo:
- O corpo alto:
- O corpo jovem:

O corpo velho:

O corpo tatuado: